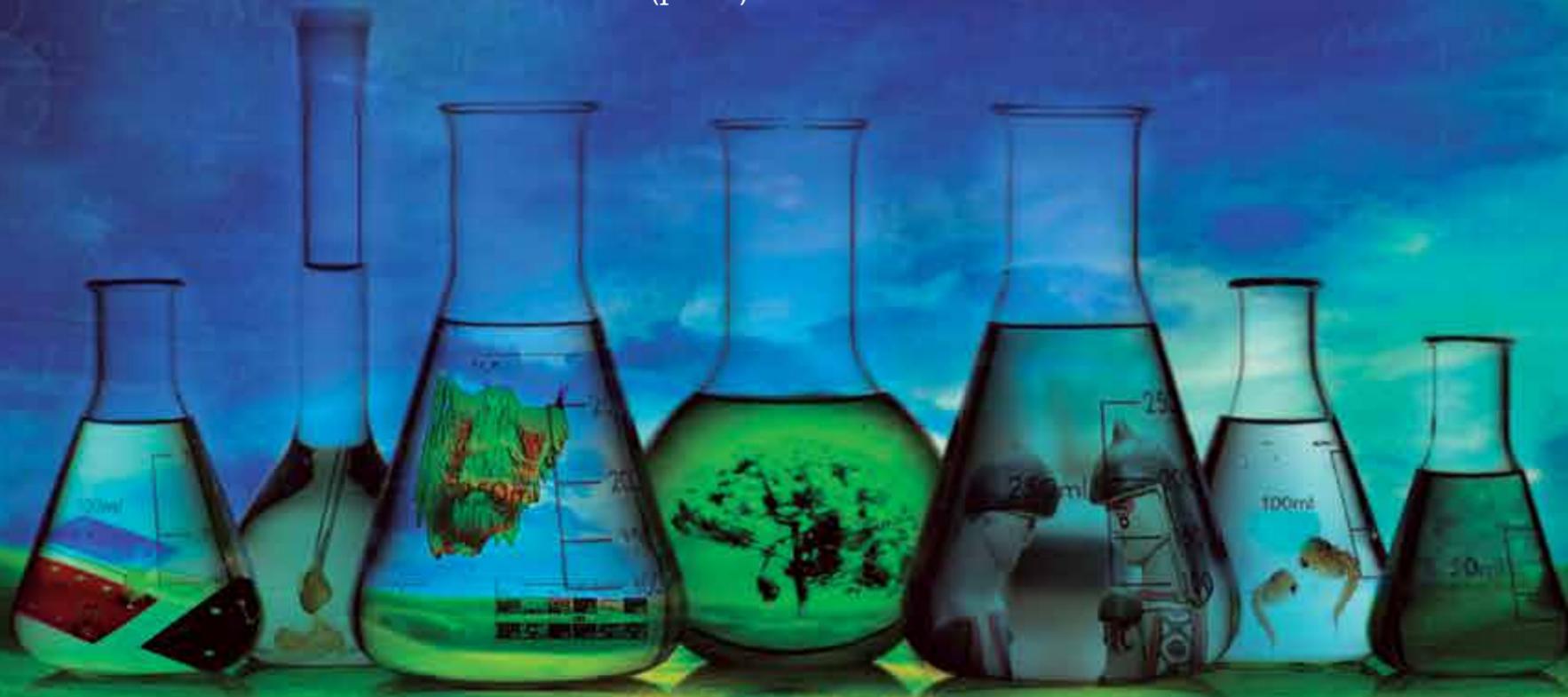


Premiações refletem avanço da pesquisa

A UFG recebeu em outubro o Prêmio Scival 2012 pelo crescimento da produção científica. O reconhecimento é o reflexo do progresso que vem ocorrendo na instituição nas diferentes áreas do conhecimento, com premiações ocorrendo constantemente. Nesta edição confira algumas pesquisas que receberam destaque internacional: um estudo realizado na UFG sobre novos compostos inibidores de *Leishmania* recebe prêmio por excelência da Sociedade Americana de Química (p. 16 e 17) e artigo de professor da UFG publicado na revista *Science* aponta para extinção de diversas espécies da Floresta Amazônica até 2050 (p. 18).



Rio Meia Ponte

Projeto propõe diagnóstico sistêmico e soluções para recuperação e preservação do rio, tais como a formulação de um futuro plano diretor (p. 12 e 13)

Obras no câmpus

Dezoito novas obras serão inauguradas ainda em 2012, reforçando o espaço para convivência, pesquisa e ensino nos câmpus da universidade (p. 6 e 7)

Media Lab

Laboratório reúne artes, música, comunicação e informática na produção de pesquisas conjuntas na UFG (p. 20 e 21)



EDITORIAL

UFG tem qualidade da sua pesquisa reconhecida

Divina das Dores de Paula Cardoso*

No dia 18 de outubro a Universidade Federal de Goiás recebeu o Prêmio Scival Brasil 2012, na categoria Crescimento da Produção Científica, destinado a instituições brasileiras de ensino e pesquisa que mais contribuíram para o avanço científico do país. Lançado pela Editora Elsevier com o apoio da Capes, a premiação colocou a UFG em destaque entre as melhores instituições nacionais. Sem dúvida, um reconhecimento do mérito da universidade, que tem investido no crescimento da pesquisa científica, aumentando a geração de conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento regional e nacional.

Mas este é apenas um dos vários prêmios de reconhecimento nacional e internacional que a UFG recebeu este ano pela qualidade das pesquisas que desenvolve. O padrão de qualidade da instituição, historicamente construído por meio do trabalho coletivo de docentes, discentes e técnicos administrativos, vem sendo reconhecido em vários níveis, em virtude do crescimento da produção científica e publicação de artigos científicos originados de projetos de pesquisas, dissertações e teses.

O elevado grau de qualificação docente e o desenvolvimento da pesquisa têm sido fatores determinantes não apenas para a criação de cursos e programas de pós-graduação, mas também para sua consolidação ao longo do tempo. Em 2012, somam-se 60 programas de pós-graduação, contemplando 26 cursos de doutorado e 54 cursos de mestrado. Tendo como meta a qualidade, a UFG mantém um plano permanente de capacitação docente, antecipando a necessidade de oferta de ensino de alto nível. Certamente, a posição de destaque no cenário nacional da pesquisa deve-se a um desenvolvimento sustentado pela competência e pela inovação tecnológica, fruto do investimento na pós-graduação, cujo crescimento foi pautado por condições satisfatórias de recursos humanos e de infraestrutura.

No período de 2006-2012, a UFG experimentou uma expansão associada à melhoria da qualidade dos programas de pós-graduação, bem como da iniciação científica. A criação de novos programas em áreas do conhecimento consideradas estratégicas, as parcerias interinstitucionais, a contínua integração entre graduação e pós-graduação, a ampliação da inserção internacional, entre outras ações, foram determinantes para a conquista dos resultados atuais.

Em 2012 encontram-se cadastrados no CNPq 212 grupos de pesquisa da UFG, aos quais vinculam-se 124 bolsistas de produtividade. Adicionalmente, temos em andamento 2.550 projetos de pesquisa, além de mais de 60 núcleos de pesquisa cadastrados na instituição, distribuídos em diferentes áreas do conhecimento, e que geraram, em 2011, a produção de mais de 6.800 trabalhos publicados, na forma de artigos em periódico indexado, trabalhos completos publicados em anais de eventos, livros e capítulos de livro. Consideramos assim, que houve, na UFG, um salto quantitativo e qualitativo no ensino de pós-graduação, alicerçado na pesquisa e na inovação.

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

ERRATA

Houve um erro na matéria "UFG aprova criação de seis cursos para 2013", na edição n.54 do Jornal UFG. O curso de Administração Pública oferece 240 vagas em seis pólos (Alto Paraíso, Aparecida de Goiânia, Catalão, Goianésia, Mineiros e São Simão) e não 160 vagas em quatro pólos como foi impresso na matéria.

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO VII - Nº 55 - NOVEMBRO/DEZEMBRO 2012

ASCOM - Reitoria da UFG - Câmpus Samambaia
C.P.: 131 - CEP 74001-970 - Goiânia - GO
Tel.: (62) 3521-1310 / 3521-1311 - Fax: (62) 3521-1010
www.ufg.br - imprensa@reitoria.ufg.br - www.ascom.ufg.br



CÂMPUS EM FOCO

UFG é sede da reunião da Rede Pró-Centro-Oeste

Durante os dias 7 e 8 de novembro, a UFG foi a sede do 1º Seminário de Acompanhamento e Avaliação da Rede Pró-Centro-Oeste. O objetivo foi apresentar as pesquisas e avaliar o andamento das atividades realizadas pelos pesquisadores até o momento. Criada há três anos, a Rede visa a produzir conhecimentos científicos, tecnológicos e de inovação que contribuam para o desenvolvimento sustentável da região. Estruturada pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), a Rede lançou no ano de 2010 um edital com recursos de R\$ 48,1 milhões. A previsão de execução das pesquisas é de três



Foto: Carlos Siqueira

anos, podendo o prazo ser prorrogado.

Participam do evento os consultores Irineu Bianchini, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Wesley Godoy, da Universidade de São Paulo (USP); o coordenador geral de Gestão de Ecossistemas

do MCTI, Reinaldo Lourival; a representante da CNPq, Margareth Carvalho; a representante do Comitê Científico da Rede Pró-Centro-Oeste, Maria Rita Marques; e o secretário executivo da Rede Pró-Centro-Oeste, Ruy Caldas.

Voluntários do HC anunciam programação de Natal

Wéber Félix

Há 13 anos que a rotina do Hospital das Clínicas da UFG vem sendo alterada pela presença de algumas pessoas que não fazem parte do quadro de funcionários da instituição. São donas de casa, profissionais liberais, aposentados e estudantes que desempenham voluntariamente algumas atividades internas. Todo

ano, o Departamento de Assistência Social promove, com a ajuda dos voluntários, festas temáticas, bazares e almoços de confraternização. Para este ano, estão agendados o Bazar de Natal (03 a 07 de dezembro), a Festa do Paciente (12 de dezembro) e o Almoço de Confraternização do Voluntariado (14 de dezembro).

O recrutamento das pessoas que se dispõem a trabalhar coletivamente ocorre todo mês de agosto. É importante

que os candidatos tenham um perfil solidário. A inscrição é feita no Departamento de Assistência Social do HC, no setor Universitário. Após a seleção, o grupo de voluntários é submetido a um treinamento e dedicam quatro horas semanais às atividades da instituição.

Hoje, o programa de voluntariado é composto por 324 pessoas que, diariamente, orientam os pacientes e esclarecem suas dúvidas sobre os assuntos burocráticos ligados aos tratamentos. Além disso, redigem cartas destinadas aos familiares do paciente, efetuam cortes de cabelo, fazem serviço de manicure e pedicure, oferecem ajuda para a realização de telefonemas, distribuem livros e revistas, além de enxovais para as novas mães. Já as crianças participam de atividades recreativas coordenadas pela equipe voluntária de entretenimento.



Universidade – Reitor: Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Eriberto Francisco Bevilacqua Marin; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jebli Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizolla.

Jornal UFG – Coordenadora de Imprensa e editora-geral: Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente:** Michele Ferreira Martins, Kharen Stecca; **Conselho editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Célia Sebastiana Silva; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Ana Paula Ribeiro Lopes; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Reportagem:** Patrícia da Veiga Borges, Kharen Stecca; **Colaboradores:** Fábio Gaio; **Estagiários:** Anamaria Rodrigues, Layane Palhares (jornalismo); **Bolsistas:** Ana Flávia Marinho (jornalismo), Playanne Campos e Pollyanna Lima (administrativo), Thamara Rocha e Wéber Félix (fotografia); **Secretário administrativo:** Leonardo Rezio; **Impressão:** Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

Pesquisa aponta variações climáticas significativas em Goiânia

Nos últimos 48 anos, tendência foi de antecipação do período seco e de elevação da temperatura, diz especialista

Layane Palhares

Os goianienses sofreram nos últimos dois meses com a falta de chuva e com o calor insuportável, que beirava os 40 °C. Foram longos dias marcados por temperaturas elevadas, baixa umidade relativa do ar e concentração de poluentes na atmosfera percebida pela névoa seca que cobria a cidade.

Segundo o coordenador da Estação Evaporimétrica da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da UFG, professor Engler José Lobato, os primeiros sinais de chuva neste ano só apareceram no dia 14 de setembro, após 58 dias de estiagem. Com o início da estação chuvosa, Goiânia já registrou uma média de 150 milímetros de chuva, quantidade acima da esperada para a média do mês de novembro.

Na maior parte da região central do Brasil, durante o trimestre de setembro, outubro e novembro, as temperaturas máximas atingem valores elevados provocados pela forte radiação solar e há uma maior frequência de dias com céu claro. Podem ainda ocorrer incursões de massas de ar frio intensas, provocando o declínio da temperatura. Com base em pesquisas do Centro de Ciência do Sistema Terrestre (CCST), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), é certo dizer que o Brasil é um dos países mais vulneráveis às mudanças climáticas globais, pois apresenta grande extensão territorial, o que dificulta, segundo os especialistas do instituto, análises de impacto e a implantação de políticas públicas de redução dos problemas ambientais e sociais.

Para entender os fatores por trás das condições climáticas, a professora de Climatologia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da UFG, Gislaíne Cristina Luiz, estudou as variações de temperatura e de umidade relativa do ar em Goiânia, com base em dados meteorológicos que abrangem um período de 48 anos, entre 1961 e 2008. A pesquisa apontou variações significativas no comportamento da temperatura e da umidade relativa do ar, com tendências de aumento para as temperaturas máxima e mínima, e de diminuição para a umidade relativa. Segundo os resultados da pesquisa, a localização de Goiânia, o ângulo solar incidente em nossa região, a ocupa-

ção urbana e a baixa velocidade dos ventos, são fatores que justificam as tendências encontradas.

Gislaíne Luiz afirmou que o clima de Goiânia é resultante da atuação de uma dinâmica atmosférica específica. "Durante os períodos de outono, inverno e início da primavera, Goiânia está sob influência da massa de ar Tropical Atlântica. Esse sistema atmosférico é responsável pela estabilidade do ar, dias ensolarados e ausência de precipitações em nossa cidade. Isso implica considerar que há em Goiânia condições naturais para que as temperaturas atinjam valores elevados, associados a baixos índices de umidade relativa do ar, especialmente no inverno e início da primavera. Por outro lado, esse sistema atmosférico impede a dispersão dos poluentes, o que resulta em sua concentração na camada de ar mais próxima à superfície, influenciando no aumento dos valores da temperatura do ar", disse ela.

A interferência humana na natureza também é outro fator que modifica as condições climáticas de Goiânia. Conforme a professora, as tendências observadas para os últimos 48 anos estão vinculadas principalmente à estruturação da cidade, cujos aspectos, que incluem a destituição da cobertura vegetal, expansão da cidade, verticalização dos prédios, impermeabilização das superfícies, tráfego de veículos automotores, entre outros, interferem na condição climática, resultando no aumento das temperaturas e diminuição da umidade relativa do ar.

O aumento da temperatura foi observado para o período do outono, inverno e primavera, com a temperatura máxima no inverno sofrendo aumento em torno de 2 °C. Já para os valores da temperatura mínima, o aumento foi observado em todas as estações do ano, mas principalmente no outono e inverno, quando os índices indicam elevação de 2 °C e 2,4 °C, respectivamente.

Na primavera e no verão, a tendência apontou aumento de 1,2 °C e 0,8 °C. Por outro lado, a variação da umidade relativa do ar para os últimos 48 anos apontou tendência negativa, com redução nos índices nos anos de 1961 a 2008.

Os resultados indicados na pesquisa apontam para tendência de diminuição da amplitude térmica, o que favorece a elevação das temperaturas ao longo do dia e à noite, situação vivenciada pelos goianienses no final do mês de agosto e início de setembro. Para amenizar as condições criadas pelo período de estiagem, passa-se a depender do retorno das chuvas. Mas, segundo a professora, a tendência em Goiânia é de que o período chuvoso diminua e o volume de água não ultrapasse 40 milímetros por dia durante a primavera. Dessa forma, é possível considerar que há forte propensão para a antecipação do período seco no outono e seu prolongamento na primavera, acompanhado de temperaturas elevadas, conforme a pesquisadora.

No tocante ao papel desempenhado pela cobertura vegetal na melhoria das condições climáticas, a pesquisa indica que temperaturas com menores índices de elevação estão especialmente associadas às superfícies cobertas com vegetação natural, enquanto as áreas urbanas, as de solo exposto, ou as destinadas à agricultura e pastagem, tendem a apresentar índices mais elevados. "A situação indicada pela pesquisa aponta para a importância de uma política de manutenção da cobertura vegetal e de reflorestamento em diferentes áreas de Goiânia, de forma a melhorar a qualidade da umidade relativa do ar e manter a temperatura em níveis equilibrados nos períodos mais críticos do ano, que são o final do inverno e o início da primavera", explicou Gislaíne Cristina Luiz.

Edward Madureira Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

De formadora a agente de desenvolvimento

Ao final de sete anos à frente da Reitoria da UFG e com a experiência de gestor na Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) – como presidente e como vice-presidente da entidade –, o professor Edward Madureira Brasil discorre sobre as conquistas da universidade, especialmente com o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que possibilitou às IFES a maior expansão já ocorrida, com destaque para a interiorização.

De acordo com o reitor, o crescimento experimentado pela UFG reforça o desafio da universidade como agente de desenvolvimento regional. A reforma no Estatuto da universidade enfatiza essa inserção, iniciando pela adoção do modelo multicâmpus que dá mais autonomia às unidades do interior.

Em entrevista ao **Jornal UFG**, além desses assuntos, Edward Madureira fala sobre o crescimento do ensino, os avanços da extensão e da pesquisa, a lei de reserva de vagas e o futuro do Hospital das Clínicas. Ele conversou com as jornalistas Silvana Coleta, coordenadora de Imprensa da UFG, e Silvânia Lima.

Como podemos contextualizar o ensino superior brasileiro?

É inegável que nos últimos 15 anos o ensino superior brasileiro passou por uma expansão significativa, permitindo ampliar o atendimento da população na faixa de escolarização superior, que é de 18 a 24 anos. Da marca dos 10%, chegamos hoje a algo em torno de 15% dessa população. Esse quantitativo ainda é muito pequeno. O próprio Plano Nacional de Educação (PNE) sinalizava há dez anos que em 2010 teríamos que chegar a 30% dessa população nas universidades. O PNE que está sendo votado no Congresso sinaliza para 1/3, ou seja, 33% dessa população na universidade. Isso significa que temos, ainda, que dobrar as matrículas no ensino superior se quisermos dar suporte ao desenvolvimento do país. Apesar do esforço que fizemos, a proporção de matrículas públicas e privadas se mantém praticamente a mesma: 25% de matrículas nas instituições públicas e 75% em instituições privadas. E ela ainda é muito tímida para as condições econômicas da população brasileira. O PNE fala em pelo menos 40% das matrículas em instituições públicas. Estamos diante de uma tarefa de triplicar ou quadruplicar o ensino superior público federal no país para atender às metas do PNE nos próximos 10 anos.

Nos últimos anos com o Reuni qual foi o crescimento da universidade pública?

Nós dividimos a expansão das IFES em duas fases. A primeira fase, que chamamos de expansão I, em 2005, deu início ao processo de interiorização. À época, havia pouco mais de 80 municípios atendidos. Eram raras as universidades com mais de um câmpus, como era o caso da UFG. Atualmente, o sistema de universidades está presente em 300 municípios de todas as unidades da federação, sem contar os Institutos Federais. A qualidade dos quadros concursados permite que tenhamos universidades na sua integridade, fazendo ensino, pesquisa e extensão em todo o país e contribuindo para o desenvolvimento regional.

As etapas previstas para o Reuni foram todas concluídas?

Com relação ao que a universidade se comprometeu no Reuni, quando assinamos o termo de compromisso da expansão, tudo o que nos propusemos fazer está praticamente concluído. Com o vestibular 2013, ini-



Carlos Siqueira

“A pesquisa na UFG não se restringe às áreas tradicionais nem apenas a capital, temos projetos em diversas áreas e também no interior”, ressalta o reitor Edward Madureira Brasil.

ciaremos os últimos cursos da expansão pactuada. O nosso compromisso, especialmente na pós-graduação, foi muito além do previsto no Reuni por uma razão óbvia: como fizemos praticamente 500 concursos para professor, a maioria com título de doutor, isso permitiu a apresentação de mais propostas de cursos de pós-graduação e que têm sido aprovadas. Com a sanção do último projeto de lei que trata da parte de cargos docentes e técnicos administrativos, em junho deste ano, o governo também cumpriu a parte de pessoal. Então tudo o que foi pactuado foi cumprido. No que tange aos recursos financeiros para as obras e demais atividades, o governo federal superou o pactuado, pois tem dado cobertura a todos os imprevistos normais de um processo como esse.

Quais são os números mais significativos do Reuni na UFG?

Investimentos de cerca de R\$ 80 milhões, mas a reestruturação chegou a R\$ 120 milhões; mais de 300 servidores técnico-administrativos e 482 docentes contratados; pouco mais de 30 novos cursos de graduação; nas matrículas, mais que dobrou o número de vagas: foram cerca de 3 mil novas vagas.

Quais são os destaques do ensino?

O ensino da UFG pode ser observado de vários ângulos, a partir da avaliação do governo federal, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Também temos o resultado da UFG no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) que é crescente em todos os cursos. Diversos deles têm nota máxima no Exame e cada vez mais cursos atingem esse patamar. O Enade é feito com base em parâmetros auditáveis e con-

quisadores tem conquistado em associações científicas. É importante ressaltar que a pesquisa na UFG não se restringe às áreas tradicionais nem apenas aos câmpus Goiânia, temos projetos em diversas áreas e também no interior.

Em sua opinião, a área de extensão e cultura conta com maior reconhecimento?

A exemplo de outras áreas, essa também experimentou um crescimento muito grande, auxiliado pelas políticas do governo federal, com editais específicos para extensão, o que não acontecia até alguns anos atrás. E os servidores, docentes e técnicos administrativos, diante dessas oportunidades se apresentam de forma bastante efetiva para realizar projetos de extensão. Temos muitos destaques, talvez o mais simbólico deles seja o trabalho da Incubadora Social que trabalha com as cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Temos projetos de grande alcance da população rural, das periferias, em Goiânia, e nos câmpus do interior, temos iniciativas voltadas ao ensino de ciências nas escolas rurais, à saúde da população. São projetos que têm um alcance extraordinário. Costumo dizer que o tripé ensino, pesquisa e extensão tem que ser um tripé onde haja equilíbrio. A extensão já foi a parte mais frágil desse tripé e hoje vejo que é a área que pode nos dar a possibilidade de conquistas significativas, especialmente no campo da autonomia universitária. A universidade está se preparando para se transformar num grande agente de desenvolvimento e a extensão é uma ferramenta importantíssima. A cultura na UFG conquistou novos espaços e a qualificação é evidente não só para o público interno. O projeto Música no Câmpus já está consolidado, trazendo música de qualidade a preços baixos, com alcance extraordinário. O Centro Cultural UFG, na Praça Universitária, se consolida com apresentações durante a semana e no domingo pela manhã e está se tornando um ponto de referência da cultura na cidade, assim como o Cine UFG e muitas outras atividades capitaneadas pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura e pela Escola de Música e Artes Cênicas, que cuidam de levar essas mesmas expressões também para os câmpus do interior.

Qual tem sido a projeção da pesquisa na instituição?

A pesquisa na UFG também experimenta um crescimento sem precedentes. Para ilustrar isso, basta citar o prêmio da Editora Elsevier, uma das principais editoras científicas do mundo, que a partir de sua base de dados faz uma comparação entre as instituições brasileiras. Este ano a UFG recebeu a premiação como a instituição destaque que mais cresceu na produção científica no quadriênio 2007-2011. O resultado dessa pesquisa é publicado em periódicos de alcance nacional e internacional. São mais de dois mil artigos por ano publicados na Base *Scopus* e mais de 6 mil artigos novos publicados na UFG. Isso mostra o avanço que tivemos na pesquisa, sem contar os prêmios nacionais e internacionais que nossos pes-

Como o modelo multicâmpus adotado pela UFG pode fortalecer os câmpus do interior?

A estrutura do sistema federal é baseada em um único câmpus, a maior parte do sistema evoluiu com base nisso. De 2005 para cá quase todas as universidades se tornaram multicâmpus. Temos que trabalhar essa estrutura, que não está na nossa cultura, na nossa gênese, pois sempre haverá a divergência entre sede e fora de sede. Havia o desejo natural de emancipação dos câmpus, porque o parâmetro era esse, mas agora percebemos que a lógica do sistema mudou. São várias as questões relacionadas a essa estrutura. É preciso cuidar do financiamento desses câmpus. O MEC tem uma política de distribuição de recursos a partir de uma matriz que enxerga as universidades por parâmetros, como por exemplo número de alunos. A UFG distribuiu os recursos a partir de um modelo próprio entre as unidades acadêmicas, mas os câmpus do interior dependiam da sensibilidade do dirigente. Aprovamos uma resolução do Conselho Universitário (Consuni) que define que os câmpus, incluindo Goiânia, sejam tratados pelos mesmos parâmetros de proporcionalidade com que são tratadas as universidades pelo MEC. Isso permite a eles se planejarem em suas despesas, para cuidar da rotina, da manutenção, pequenas aquisições de equipamentos e obras menores. Os projetos especiais que envolvem grandes investimentos e construções continuam a cargo da Reitoria. Mas a mudança mais significativa é a que está sendo proposta no Estatuto da UFG, a partir de um conceito extremamente moderno que trata das “regionais da UFG”. Com isso, os câmpus ganham maior autonomia e maior responsabilidade regional. O Câmpus Jataí, por exemplo, será responsável pela atuação da universidade naquela região, ofertando graduação, extensão e atividades diversas. O mesmo ocorrerá em Catalão, Cidade de Goiás e demais câmpus a serem implantados.

Como está a implantação dos novos câmpus da UFG?

A universidade recebeu em 2011 mais dois câmpus, um em Aparecida de Goiânia e outro na Cidade Ocidental. Nesse momento uma comissão do Conselho Universitário está estudando a formatação desses câmpus. Ao que tudo indica o Câmpus Aparecida terá uma vocação mais tecnológica com quatro Engenharias e o curso de Geologia, ainda dependendo da aprovação do Conselho Universitário. Já na Cidade Ocidental priorizaremos a formação de professores, mas já criando uma base para os cursos aplicados às demandas de mercado, a partir da Biologia, da Química, da Matemática e assim por diante. Temos o desejo de chegar às regiões norte e nordeste de Goiás, com câmpus naque-

las regiões, sempre com a lógica de balizar a qualidade da educação superior em todo o estado.

Em relação à internacionalização, mesmo antes do Programa Ciências sem Fronteiras a movimentação internacional já havia crescido muito. Como tem se dá esse processo?

Os últimos dados da Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) dão conta que de 2006 para 2012, o número de estudantes da UFG que fizeram uma fase de sua formação no exterior (com mais de um semestre fora) saltou de 20 para 200 em 2012. Saimos de 10 estudantes estrangeiros na UFG para 70. Com o Programa Ciência sem Fronteiras esperamos chegar a mais de 300 estudantes no exterior no ano que vem. Isso só está acontecendo porque já tínhamos diversos convênios assinados com instituições estrangeiras, o que ajudou no processo. Hoje o limitante à movimentação dos estudantes é justamente o idioma. Estamos pensando em programas de aceleração da formação dos estudantes em uma segunda língua, aproveitando a oportunidade oferecida pelo programa. Mas a internacionalização é mais do que a simples movimentação de estudantes para o exterior. Ela se dá também na relação entre os pesquisadores, os projetos de pesquisas conjuntos. Algumas ações nossas tem refletido isso. A entrada na UFG na Associação das Universidades do Grupo Montevideo (AUGM), grupo já consolidado da América do Sul, permite uma inserção em uma região do mundo da qual estamos muito próximos, mas que a relação não é tão natural. Temos uma inserção muito forte na Europa e na América do Norte e já estamos chegando também na Ásia.

A UFG já possui seu programa de ações afirmativas há alguns anos. Como tem sido a adequação ao Sistema de Reserva de Vagas?

O governo aprovou recentemente a lei que reserva 50% das vagas para alunos de escolas públicas até 2015, com o recorte de renda, de raça e outras características. Há quatro anos a UFG tem sua política de Ação Afirmativa pelo UFGInclui, portanto já estamos prontos para aplicar os principais aspectos previstos na nova legislação. Entendo que a lei de cotas fere um valor muito importante que é a autonomia universitária e me preocupa o aumento para 50% da reserva de vagas, temo pelo compromisso com a qualidade dos demais níveis de ensino. Precisamos estar vigilantes pela melhoria da escola pública com a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE). Pois, nossa meta é não precisarmos de cotas nas universidades, ten-

do em vista uma boa qualidade na educação básica. Insisto que precisamos ser conhecedores do nosso papel enquanto universidade pela melhoria da educação básica.

Fale sobre a importância da UFG para o desenvolvimento regional.

Isso se dá por meio de todas as funções da universidade, como pela formação de bons profissionais para o mercado de trabalho, não só na graduação. Nós somos a principal instituição que oferece cursos de mestrado e doutorado. Estimo que pelo menos 80% das vagas em cursos de pós-graduação *stricto sensu* são oferecidas na UFG em Goiás. Temos o papel de qualificação de formadores que acredito sempre será nosso. As outras instituições de ensino superior têm na UFG uma fonte fundamental de sua qualidade de ensino, não só na formação de professores mas também de pesquisadores e isso tem contribuição direta no desenvolvimento do estado. Pelo viés da extensão, nosso papel é dialogar com a sociedade, com as empresas. Estamos prestes a inaugurar o parque tecnológico, de caráter científico, que vai prestar serviços para a indústria, desenvolver tecnologias tanto para o mercado quanto para o governo, agregando valor ao conhecimento produzido. O Brasil é o 13º em produção de conhecimento e ocupa uma posição tímida na produção de patentes. Então precisamos dialogar com a sociedade também por meio do empresariado. Assim como precisamos dialogar com a sociedade por meio dos movimentos sociais. Temos diálogo permanente com movimentos da área rural, urbana e esses movimentos têm, muitas vezes, influência na concepção e implementação de políticas públicas voltadas para os segmentos menos favorecidos. A universidade tem de dialogar com todos esses segmentos, com competência, independência e credibilidade.

A UFG irá adotar a Ebserh? Como fica a questão de pessoal no HC?

Antes é importante ressaltar que os recursos destinados ao HC independem da Ebserh, que diz respeito apenas à questão de pessoal. Esse é outro problema dos HUs. Há mais de dez anos sem reposição de pessoal, as universidades se viram obrigadas a buscar alternativas e muitas delas criaram as fundações de apoio, especialmente para a contratação de pessoal. Isso foi motivo de questionamento dos órgãos de controle do governo federal que resultou em um acórdão com o TCU, que dava a data de 31 de dezembro de 2010 para que o governo federal resolvesse a questão de pessoal que atua no hospital sem vínculo governamental. E a solução veio inicialmente com uma medida provisória não aprovada e depois de um projeto de lei amplamente debatido no Congresso Nacional que resultou na criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). É oportuno esclarecer que trata-se de uma empresa do governo federal, com 100% de capital do governo federal e que contratará funcionários públicos, pelo regime CLT e não pelo Regime Jurídico Único como os demais servidores da UFG.

Qual é a situação do Hospital das Clínicas?

Costumo dizer que o Hospital das Clínicas (HC) é o maior projeto de extensão da UFG. Nós temos 300 leitos, praticamente todas as especialidades da Medicina, diariamente são mais de dois mil servidores envolvidos em suas atividades. Temos um hospital que forma a maior parte dos recursos humanos em saúde de Goiás, pois não atende só estudantes da UFG, mas também de outras instituições. Em 2006, o HC, a exemplo de outros hospitais universitários (HUs), enfrentava uma situação complexa: questões de financiamento inadequado para o porte desses hospitais baseadas na ineficiência

Então, estamos agora discutindo a contratação da Ebserh pela universidade, para resolver definitivamente o problema de pessoal do HC. A administração do hospital continuaria com a universidade, indicando o superintendente, ou seja, o hospital continuaria sendo da UFG, com uma empresa pública contratada para auxiliar na sua gestão e os servidores poderão ser cedidos à empresa. A CLT só se aplicará aos novos servidores. Já tivemos uma audiência pública com a diretoria da Ebserh em um debate amplo com toda a comunidade universitária, agora as áreas mais específicas da universidade estão discutindo e, após esse período, a proposta será levada à apreciação do Consuni.

Quais são as metas para 2013?

O principal assunto estruturante da universidade para 2013 é a discussão do Estatuto da UFG. O novo modelo de universidade multicâmpus com conceito de universidade regional. Evidentemente a finalização de todas as obras do Reuni é uma das metas. Um grande desafio é a mudança dos sistemas de informação da UFG. Nesse sentido, estamos finalizando um acordo com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para implantar na UFG o seu avançado sistema de controle acadêmico, gestão administrativa, financeira e de pessoal. Temos dificuldades grandes a serem superadas. A maior delas é o nosso quadro de técnicos administrativos que é muito aquém de nossas necessidades e isso é uma realidade de todo o sistema federal. Acredito que já construímos um espaço de entendimento com o governo e esperamos definir um quadro de servidores que dê conta de todas as tarefas e oportunidades que estão à nossa frente. Temos que consolidar os sistemas de comunicação da UFG com as TVs em Jataí e Catalão, a expansão das rádios FMs na universidade. E deixar com recursos assegurados a construção do Museu de Ciência da UFG, no Mutirama, ao lado do Planetário. Pretendemos avançar também no projeto do Parque Tecnológico, que visa a integração com o setor empresarial.

A luta permanente das universidades é pela autonomia universitária. Na Andifes, discutimos a perspectiva de propor para o governo uma lei orgânica das universidades, em que constarão vários aspectos da autonomia. Entendo que a autonomia não se conquista por lei e sim por reconhecimento da sociedade. Mas numa fase onde o cidadão comum e os agentes de governo não reconhecem a autonomia prevista no artigo 207 da Constituição, talvez instrumentos legais auxiliem.

Novos prédios nos câmpus da UFG

Ampliação da infraestrutura acompanha o crescimento da pesquisa, da acessibilidade e da inovação na universidade

Raniê Solarevsky

A paisagem dos câmpus da UFG modificou-se drasticamente nos últimos anos. E nada indica que a expansão vá terminar tão cedo. Até o final do ano, 18 novas obras devem ser inauguradas, distribuídas entre os Câmpus de Goiânia, Catalão e Jataí. “Para o primeiro semestre do ano que vem, já temos previsão de inaugurar mais do que isso”, afirma o diretor do Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef), Marco Antônio de Oliveira. Os Institutos de Matemática e Estatística, Informática e Estudos Socioambientais, além da Faculdade de Artes Visuais, receberão novas sedes, localizadas atrás do Centro de Aulas Baru e da TV UFG. A área central da quadra das novas sedes abrigará um Centro de Convivência com espaço para a instalação de Centros Acadêmicos (CAs), dos cursos recém-criados. “Numa segunda etapa, já prevista no plano para o local, serão construídas 12 salas para os CAs que ainda não tenham um espaço próprio, como o do curso de Educação Física”, explica o diretor do Cegef.

O Núcleo de Pesquisa e Ensino em Ciências (NUPEC), coordenado pela professora Agustina Rosa Echeverria, do Instituto de Química (IQ), também ganhará espaço próprio nas cercanias do Centro de Aulas Baru. Já na Praça Universitária, no Câmpus



Prédio do Instituto de Matemática e Estatística na área de expansão do Câmpus Samambaia

Colemar Natal e Silva (câmpus I), a Faculdade de Nutrição (Fanut) será ampliada em mais de 900 m², em razão do aumento no número de alunos causado pela expansão de vagas na UFG, e o Centro de Aulas D (ainda sem denominação oficial) será inaugurado com sua estrutura completa, incluindo ar condicionado e elevadores.

Algumas unidades serão ampliadas. O Centro de Recursos Computacionais (Cercomp), impulsionado a crescer para acompanhar a expansão da universidade nos últimos anos, viabiliza até o fim de 2012 sua segunda etapa. A Faculdade de Letras ganhou um novo espaço – o bloco Bernardo Élis, inaugurado no último dia 8 de novembro – para desenvolver as atividades da pós-graduação, bem como abrigar salas de aula e o Centro de Línguas. Já a Escola

de Agronomia e Engenharia de Alimentos receberá, dada a distância da unidade dos demais prédios de uso coletivo no Câmpus Samambaia, um centro de aulas exclusivo, além de um espaço específico para Horticultura. Nos câmpus do interior, os edifícios das áreas de Saúde e Exatas do Câmpus Jataí também serão ampliados, enquanto o Restaurante Universitário em Catalão, com recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), também deve ser inaugurado até o fim do ano.

Além de todos os novos prédios, o Cegef também trabalha para garantir a sustentabilidade dos novos edifícios, na forma de urbanização adequada em torno das áreas de construção, executando, de forma paralela, os projetos de estacionamentos, passarelas, calçadas, paisagismo

e iluminação noturna. “Logo depois que todos os prédios forem inaugurados, faremos uma sistematização mais rigorosa do trânsito, com marcações das faixas e sinalização em geral. Estudamos até mesmo algum tipo de parceria com a Agência Municipal de Trânsito (AMT)”, declara Marco Antônio de Oliveira. O aumento do fluxo de pessoas e veículos também já foi previsto, mediante a expansão dos estacionamentos e das calçadas, e da construção da ciclovia ligando as Escolas de Agronomia e Engenharia de Alimentos e de Veterinária e Zootecnia ao resto do câmpus. Essa, por sua vez, será integrada ao trecho cicloviário que está sendo construído em parceria com a Prefeitura de Goiânia – os mais de 10km do percurso vão conectar os dois câmpus da UFG na capital.

Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (Oca Indígena)

Nesse espaço serão instalados, além do curso de Educação Intercultural Indígena, a sede da especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar – Gestão Pedagógica, que será oferecida a partir de 2013. Peças de artesanato e do patrimônio cultural indígena serão expostos no espaço durante o período de aulas, que também vai funcionar como um centro de convivência. A obra, que custou mais de 740 mil reais, foi construída por meio de um convênio com a Fundação Nacional do Índio (Funai), com recursos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, do Ministério da Educação (SECADI/MEC).



Com total de 705,65 m² o espaço será a sede graduação e da especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar, Gestão Pedagógica será oferecido em 2013

Biblioteca Praça Universitária

Já o novo prédio da biblioteca ao lado da Faculdade de Direito (FD/UFG), em frente ao Restaurante Universitário. “A nova estrutura da biblioteca é uma das mais modernas empregadas nas edificações da UFG”, declara o diretor do Cegef. Segundo Marco Antônio de Oliveira, o edifício utiliza uma solução estética e eficiente para o controle da insolação das fachadas por meio de *brises-soleils*. O pátio central é iluminado com luz natural, para economia de energia, o edifício é todo climatizado com ar condicionado, conta com câmeras de monitoramento e vagas de estacionamento cobertas. O acabamento e as instalações também têm um estilo único, diferente de muitos prédios da universidade. O edifício

onde a biblioteca estava instalada provisoriamente, na rua 235, próxima da Área I da PUC-GO, deve ser ocupado por uma série de núcleos de estudo e pesquisa da UFG, entre eles, o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC), o Grupo Integrado de Ações Contra a Dengue (GIAD), o Centro Regional de Referência para Formação Permanente sobre Drogas (CRR-UFG), o Núcleo de Excelência Clínica Aplicada na Atenção Básica (NEABAS) e o Centro Colaborador de Alimentação e Nutrição Escolar (CECANE).

De maneira geral, os recursos das obras são provenientes do orçamento da UFG (Reuni, PNAES e Secadi), da Finep (CT-Infra) e de emendas parlamentares individuais e de bancada.



Labitecc possui espaço de ciência aplicada usados para testes e experimentos diversos

Laboratório de Inovação Tecnológica em Engenharia Civil (Labitecc)

A obra foi erguida com recursos da própria UFG e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), além de doações de várias empresas do setor de construção civil. O projeto nasceu em 2008, sob o cuidado dos professores Oswaldo Cascudo, Sylvania Mesquita de Almeida e Daniel de Lima Araújo, da Escola de Engenharia Civil (EEC/UFG), e contou com o apoio do Cegef desde a fase de planejamento até a execução. “O local destina-se ao desenvolvimento de novos materiais e sistemas construtivos, para inovação na área de construção civil”, explica o profes-

sor Oswaldo Cascudo. O laboratório possui tanto espaços de ciência aplicada, usados para testes e experimentos diversos, quanto aqueles reservados ao diálogo professor-aluno. O prédio conta com equipamentos e estruturas para testes químicos e de durabilidade, ensaios mecânicos, um laboratório para desenvolvimento de soluções em argamassas e concreto pré-moldado, além de pesquisas com reologia cimentícia (estudo do cimento em seu estado “fresco” – observa questões como a consistência, visando o aprimoramento de misturas cimentícias).

Obra	Área	Recurso
Biblioteca Praça Universitária	5.321,28 m ²	R\$ 7.501.090,40
Ampliação dos edifícios das áreas de Saúde e Exatas no Câmpus Jataí	1.329,26 m ²	R\$ 1.614.611,77
Centro de Aulas da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos	1.662,44 m ²	R\$ 2.398.387,57
Ampliação da Faculdade de Letras	3.060,32 m ²	R\$ 3.204.823,58
Instituto de Matemática e Estatística (IME) - Nova sede	3.016,61 m ²	R\$ 3.823.842,46
Instituto de Informática (INF) - Nova sede	3.164,61 m ²	R\$ 3.502.282,59
Instituto de Estudos Socioambientais (I ESA) - Nova sede	3.081,49 m ²	R\$ 4.189.200,05
Faculdade de Artes Visuais (FAV) - Nova sede	4.400,73 m ²	R\$ 4.769.589,68
Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (Oca Indígena)	705,65 m ²	R\$ 740.403,53
Ampliação Faculdade de Nutrição (FANUT)	955,20 m ²	R\$ 208.349,73
Centro de Convivência Quadra Reuni	1.350,00 m ²	R\$ 1.277.200,00
Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) - 2ª etapa	417,89 m ²	R\$ 686.982,72
Núcleo de Pesquisa em Ensino de Ciências (NUPEC)	231,07 m ²	R\$ 622.318,07
Labicom/FACOMB	941,70 m ²	R\$ 1.620.864,76
Restaurante Universitário Câmpus Catalão	1.254,65 m ²	R\$ 2.156.108,94
Herbário	280,37 m ²	R\$ 407.483,57
Café das Letras	199,41 m ²	R\$ 298.289,49
Laboratório de Horticultura – Agronomia	183,00 m ²	R\$316.241,69
Centro de Aulas Câmpus Colemar Natal e Silva	15.459,42 m ²	R\$10.087.102,00



Com um estilo único, novo prédio da Biblioteca é iluminado com luz natural

Impactos da publicidade infantil ainda são pouco discutidos pela sociedade

Agnes Arato, Kharen Stecca, e Roberto Nunes

Desde 2001, tramita um projeto de lei na Câmara dos Deputados que propõe a regulamentação da publicidade dirigida às crianças no Brasil. Enquanto a lei não sai, vários grupos divergem em relação ao tratamento dado à questão: há os que defendem a proibição total da publicidade infantil; os que desejam a restrição de alguns produtos, como alimentos pouco saudáveis; e aqueles que acreditam que o modelo utilizado atualmente, a autorregulamentação, é suficiente.

Há pesquisas indicando que as crianças são responsáveis por 80% das decisões de compra das famílias. Por isso, foi lançada a campanha **Somos todos responsáveis** (<http://www.somostodosresponsaveis.com.br/>), que reafirma a eficácia da autorregulamentação e responsabiliza exclusivamente os pais, que devem guiar os filhos. Ao mesmo tempo, um grupo de pais e mães (www.infancialivredeconsumismo.com.br) cobra uma política pública que auxilie as famílias a prevenir problemas que, em longo prazo, afetarão a esfera pública.

A mesa-redonda do **Jornal UFG** desta edição convida o professor da Facomb, Magno Medeiros, a psicóloga e professora da PUCGoiás, Malu Moura, e o publicitário da agência AMP, Marco Antônio de Pádua Siqueira, para debater o tema.

Movimentos de proteção à infância defendem a regulamentação, enquanto o mercado acredita que a autorregulamentação é suficiente. Qual a opinião de vocês sobre o assunto?

Magno Medeiros – Entendo que a regulamentação da publicidade infantil no Brasil tem por base várias leis, principalmente o Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária. Sou favorável a um mo-



Magno Medeiros

Fotos: Carlos Siqueira

ção, inclusive na área da publicidade. Portanto, temos diversos mecanismos legais de proteção à criança e ao adolescente. O problema não é a existência de leis, mas de mecanismos mais eficazes de fiscalização da aplicação dessas leis e normas.

Marco Antônio - No Brasil, temos um órgão pouco conhecido da população, o CONAR, referência mundial por sua atuação responsável. Acredito que tem havido uma certa “vilanização da publicidade”, que a considera a grande culpada por tudo que há de ruim no consumismo. Na verdade, não acho que as coisas sejam assim. A publicidade é uma forma das pessoas poderem comparar os produtos, informarem-se para exercer seu direito de escolha. E acredito que, em relação à propaganda infantil, o CONAR está atuando muito bem. Sou a favor do mercado traçar regras, como disse o professor. Porém, eu acredito que para tudo deve haver bom senso. Hoje as empresas estão cada vez mais responsáveis, tanto social como ambientalmente, porque elas sabem que perderão dinheiro se não forem responsáveis. É claro que não é unânime. Em todo seguimento há alguém que, em dado momento, vai querer tirar proveito de uma situação, mas as empresas sérias, que pretendem ter vida longa, tratam o consumidor com muito respeito. Então, talvez uma ou outra restrição de curto prazo seria válida. De curto prazo porque acho que, com a atuação do CONAR, o próprio mercado pune quem age de forma errada.

Malu Moura: De fato, o Brasil possui leis suficientes que falam da publicidade e dos serviços dirigidos à criança. Vale mencionar a Constituição federal, que declara ser dever do Estado, da família e da sociedade proteger as crianças. Já o ECA prevê medidas claras de proteção às crianças e adolescentes. Temos também tratados e acordos internacionais que resguardam os direitos infantis. Logo, o problema não é legal. O desafio está em criar condições culturais e sociais de respeito a esse público. As crianças são prejudicadas em seu desenvolvimento por problemas como obesidade, ou exposição precoce a formas adultas de erotização. As pesquisas apontam que as crianças influenciam no consumo das famílias. Parece que existe uma certa demora em enfrentar o assunto no parlamento, onde existe uma queda de braço entre a política e o mercado em relação ao problema. Precisamos pensar como vamos assumir nossos papéis na proteção do universo infante-juvenil e o projeto de lei é uma parte desse universo.

O argumento da campanha “Somos todos responsáveis” de que a educação dos filhos é responsabilidade exclusiva dos pais pode ser aplicado nesse caso?

Malu Moura: A família desempenha um papel importante na educação das crianças, mas, certamente, no contexto atual, os pais convivem muito pouco com os próprios filhos. As crianças hoje estão mais expostas, recebendo mais informação da mídia que de seus responsáveis diretos, seus cuidadores. Depositar essa responsabilidade somente sobre os pais é um tanto injusto, considerando que recebemos influências de várias fontes, algumas com pouco espaço para o diálogo, como é o caso da publicidade, que, em sentido mais amplo, tem a propaganda como aliada.

Magno Medeiros: A gente não pode nem superestimar, nem subestimar o poder da publicidade e dos meios de comunicação. Todos têm a sua esfera de participação no âmbito dos poderes, assim como têm seu grau de responsabilidade na formação da infância e da adolescência. E por ser muito grande essa força não podemos subestimá-la. Precisamos estar atentos e assumir nosso grau de responsabilidade na batalha pela formação de uma cultura de paz, pautada em valores positivos como amizade, ética, cooperação e solidariedade. A mídia e a publicidade têm esse papel a cumprir, assim como os pais, a escola, a família, os políticos, enfim, todos os setores da sociedade. Não podemos esquecer que a responsabilidade dos meios de comunicação e da publicidade deve ser proporcional ao poder que a mídia desfruta nas relações contemporâneas. Por esse motivo, não podemos deixar de cobrar dos setores responsáveis posturas de regulamentação e uma fiscalização maior das normas que já existem. A mídia não tem um papel eminentemente educativo, mas ela não deve promover ações antieducativas.

Para vocês, a regulamentação é uma forma de censura? E como ela deve ser regulamentada?
Magno Medeiros: Há uma regulamentação bastante ostensiva e detalhada em áreas como educação, saúde, mas a de comunicação carece de maior regulamentação. Todas as vezes em que se propõem projetos de lei no Congresso Nacional a respeito da regulamentação na área de comunicação social, os projetos são abortados ou veementemente combatidos por vários setores das empresas midiáticas. Mas uma regulamentação mais forte não deve ser entendida como censura. Por outro lado, não significa dizer que a gente deva aceitar projetos muito radicais como, por exemplo, a supressão total da publicidade infantil, que, na minha opinião, é um erro, um equívoco, que não vai resolver o problema da formação das nossas crianças e adolescentes. Há experiências na Noruega, na Suécia e na província de Quebec, em que a publicidade infan-

til foi totalmente proibida. Porém, em 25 anos de proibição de publicidade infantil em Quebec isso não melhorou, por exemplo, os índices de obesidade infantil, a grande motivação naquela época. Isso deixa claro que as medidas radicais de cerceamento e de proibição não funcionam completamente. O que precisamos é de mecanismos para regulamentar minimamente a área da comunicação, e aí eu incluo a publicidade. Esta, sozinha, não é responsável pela violência ou pelo consumo exagerado, pela obesidade infantil, pela erotização precoce. Há vários outros fatores que competem para a constituição dessa cultura contemporânea.

Malu Moura: Temos que ser radicais na proteção de crianças e adolescentes e isso envolve todos os setores da sociedade, incluindo a publicidade. A criança precisa ter o direito e a oportunidade de ter acesso à produção cultural, mas de outra forma. Vamos ter que encontrar uma solução mista, de como produzir propagandas informativas/educativas para as crianças, para ajudá-las a desenvolver o senso crítico, a consciência social. Em diversos momentos percebemos o poder a que estamos expostos. E nem todos os meios de comunicação e de publicidade levam a uma necessidade de produzir peças destinadas a um público que está em desenvolvimento, que apresenta um terço da população brasileira, que são as crianças e adolescentes, seres que precisam de proteção social.

Por que o interesse de setores diversos, como empresas de telefonia, montadoras de automóveis e até de fábricas de desinfetante

sa. Ele tem essa responsabilidade, é um órgão do qual o mercado de comunicação brasileiro se orgulha, porque é modelo. Agora eu sou um otimista. Eu quero acreditar que os problemas gerados pelo excesso de publicidade e que atingem a criança são exceções. Nunca foi feita uma pesquisa para dizer o quanto a publicidade motivou as pessoas a crescer. David Ogawa, considerado o papa da propaganda moderna e mundial, dizia uma coisa simples: sempre que você for fazer um comercial, um anúncio, seja de jornal ou TV, lembre-se de que seus filhos irão assistir. Então, se todo mundo tivesse esse modo de pensar, com



Malu Moura

sanitário, em produzir anúncios para as crianças?

Marco Antônio: Tecnicamente, só há uma explicação para isso, é uma mídia técnica que visa atingir a mãe. Apesar desse produto especificamente ter o formato de um bichinho, é querer demais que a criança se interesse em comprar um desinfetante, não é ela o foco. Não é um produto a que se pode acrescentar um brinde. Logo, a criança não vai querer um produto desse tipo, não tem a ver com o universo dela. Em alguns casos, uma mídia técnica prevê algumas exceções em programas infantis, não para atingir a criança, e, sim, os pais.

Mas, no supermercado, a criança não vai pedir para a mãe comprar aquele produto?

Malu Moura: Existe uma estratégia lúdica de atrair a fidelidade da família, porque atingindo um membro infantil certamente você vai alcançar a mãe. Mas há riscos. O primeiro é, de fato, trocar a necessidade pelo desejo. Então o formato de bico de pato do desinfetante, essas associações todas, certamente induzem a escolha de um determinado produto. Acredito que há intencionalidade sim nisso, e, certamente, o que temos que pensar é que, nessa intencionalidade, a gente pode estar deixando as crianças e a sociedade desprotegidas. Sabemos que a atração lúdica é uma estratégia usada para atrair crianças, você atende o público infantil de forma diferente daquela direcionada a um adulto, com recursos que ela compreenda conforme a idade. O questionamento é: que intencionalidade é essa se a criança não vai comprar o desinfetante? Então quem a gente quer alcançar por meio da criança? São estratégias que indiretamente podem influir nas escolhas que aquele grupo familiar vai fazer.

O CONAR atua somente quando e se há denúncia, sendo, invariavelmente, lento nas decisões. Porém, até lá, o anúncio já atingiu milhões de crianças com sua mensagem indevida. A proteção da infância não deveria ser tratada de maneira diferente pelo órgão?

Marco Antônio: Na propaganda não vale tudo. Ela não pode deseducar, não pode colocar a criança em risco. Isso está em leis como o ECA. As pessoas têm que ter responsabilidade, bom senso na hora de produzir propaganda, como em qualquer área da vida. As crianças precisam ser protegidas, mas discordo da proibição da publicidade infantil. Ela não vai resolver o problema, ela é apenas um dos elos da corrente. Sobre a atuação do CONAR, pode realmente demorar um pouco, mas eu já vi o órgão retirar comerciais do ar com muita rapidez, com grande prejuízo para a empre-



Marco Antônio

essa simplicidade, a gente teria muito menos problemas.

Magno Medeiros: Essa questão envolve uma série de ações. Nós precisamos de campanhas educativas que alcancem de maneira mais efetiva todos os setores da sociedade. Nós precisamos aprofundar o debate em torno da regulamentação e da autorregulamentação. Eu acredito num modelo misto de regulamentação e de autorregulamentação. Acho que o que está faltando é informação, conscientização, educação e, sobretudo, uma melhor formação dos jovens que atuam no campo da publicidade. E preciso enfatizar também que as crianças e os adolescentes, por conta de sua vulnerabilidade, não podem ser submetidos a qualquer tipo de publicidade que atente contra os laços de cooperação, de solidariedade, que coloque as crianças em situação de perigo ou de insegurança. Temos que impor certos limites éticos para que o vale-tudo não prevaleça nos meios de comunicação de massa.

Quais as perspectivas para as mulheres na atualidade?

IV Seminário Internacional Trabalho e Gênero discute a atualidade do movimento feminista e seus desafios

Patrícia da Veiga

Há quem diga que o movimento feminista cumpriu seu papel, em tempos de contracultura, nas décadas de 1960 e 1970, mas que no século XXI perdeu a razão de existir, tendo em vista uma suposta garantia de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. No entanto, o que se nota é justamente o contrário. As mulheres ainda sofrem diversos tipos de violência (física, simbólica e sexual), lideram os rankings de desemprego, salários baixos e informalidade (em todo o mundo), todavia encaram dupla e/ou tripla jornada de trabalho (entre a vida pública e privada), são criminalizadas pela prática de aborto, ocupam a minoria das cadeiras na representação política, entre outras práticas. Ou seja, homens e mulheres, enquanto grupos sociais diferentes, ainda estabelecem entre si “relações sociais e de poder assimétricas, hierarquizadas e antagônicas”, bem diria Helena Hirata, diretora do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), instituto de pesquisa vinculado às Universidades de Paris 8 e 10.

Hirata esteve em Goiânia no mês de setembro de 2012, durante o IV Seminário Trabalho e Gênero. Na ocasião, ela dividiu uma mesa-redonda com Maria Luisa Tarrés, professora e pesquisadora do Colégio de México desde 1985. Ambas se pronunciaram sobre as “perspec-

tivas internacionais” para as mulheres na sociedade e no mercado de trabalho, concluindo que há muito o que fazer em busca de dignidade. “Estão a favor dos homens instituições como sindicatos, partidos, escola, mídia e empresas. Como mudar isso? Primeiramente, pela articulação de movimentos sociais, como o movimento feminista. Em segundo lugar, com o desenvolvimento de políticas públicas de igualdade”, opinou a investigadora do CNRS.

O IV Seminário Trabalho e Gênero teve três eixos de atenção: o protagonismo das mulheres na sociedade e no mercado de trabalho, o ativismo político das mulheres em movimentos sociais e, por fim, questões de gênero revisitadas. Neste último eixo, a profes-



Professora Márcia Leite, da Unicamp, ao centro, coordena debate entre as pesquisadoras Maria Luisa Tarrés e Helena Hirata

Fotos: Carlos Siqueira

sora Celília Sardemberg, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), analisou o que é gênero.

Sardemberg definiu o gênero como um conceito ora ambíguo, ora polivalente, “um fenômeno amplo da construção social” que tem a mulher, o homem e o sexo como categorias de análise. “Não é uma mera classificação de masculino e feminino, é o reconhecimento de relações de poder entre essas categorias”, explica. Para a pesquisadora da UFBA, esse conceito pode ser “um instrumento de desnaturalização” importante para desmistificar tabus e ideologias a respeito da vida das pessoas e

dos seus corpos. Por exemplo, a ideia de que mulher nasceu para ser delicada e de que o homem é visceral e forte.

A professora apontou diversas abordagens do conceito de gênero, destacando-o como uma consequência dos movimentos pelos direitos das mulheres. “Primeiro se falava em mulher, depois em feminismo, agora em gênero. Atualmente, prefiro falar em ‘relações sociais de gênero’”, categorizou.

Na mesma oportunidade, a pesquisadora Lucila Scavone, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), fez uma revisão do feminismo no Brasil e des-

tacou o quanto os compromissos do movimento penetraram na academia, em busca de teorias próprias. Ela lembrou que uma das ações das mulheres ativistas, nas décadas de 1980 e 1990, foi, justamente, buscar meios para explicar a realidade com base em sua visão de mundo. “Os primeiros encontros feministas aconteceram junto com reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)”, exemplificou.

Mais de 250 pessoas que acompanharam o IV Seminário Trabalho e Gênero também puderam presenciar a exposição de Laisa Abramo, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), sobre o protagonismo das mulheres nos espaços sociais, e diálogos entre Francisco Zapata, também do Colégio de México, e Renata Gonçalves, da Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp), sobre ativismo e sindicalismo.

O Seminário Trabalho e Gênero, que ocorre a cada dois anos, é resultado das articulações de pesquisa do Núcleo de Estudos sobre Trabalho (NEST) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS/UFG). Em 2012, pela primeira vez, o seminário teve alcance internacional. A realização da quarta edição do evento deu-se em parceria com a Universidade de Campinas (Unicamp) e com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



IV Seminário Trabalho e Gênero foi uma parceria da UFG com a UFU e a Unicamp. Da esquerda para a direita, a professora Eliane Gonçalves apresenta as demais organizadoras do evento: Maria Lucia Vannuchi, Tania Tosta e Patrícia Trópia

“A classe operária tem dois sexos”

A concepção de que o homem naturalmente o provedor de um grupo ou de uma família e a mulher é uma cuidadora, provoca uma distinção preconceituosa entre os sexos o que, em pleno século XXI, está difundido nos mais diversos âmbitos da vida social, inclusive no mundo do trabalho. O conceito de “divisão sexual do trabalho” demarca as fronteiras da desigualdade e reconhece que, apesar de inúmeros avanços no âmbito da cidadania, a mão de obra feminina ainda é tida como secundária.

A socióloga Elisabeth Souza-Lobo escreveu sobre o espaço da mulher no mundo do trabalho, sobretudo nas “linhas de montagem” das fábricas paulistanas. Seus textos, com publicação original da década de 1980, foram reunidos na obra *A classe operária tem dois sexos* e reeditados vinte anos após sua morte, em 1991. No IV Seminário Trabalho e Gênero, a obra e o pensamento de Souza-Lobo retornaram ao cerne dos discursos.

Conforme apresentou Helena Hirata, do CNRS/França, em sua palestra, as mulheres ganham menos que os homens conforme os seguintes percentuais: de 25% a 30% na França, de 30 a 35% no Brasil, 50% no

Japão e no Chile. Além dos baixos salários, o desemprego de mulheres também é maior, em todo o planeta. E os índices de mulheres negras sem trabalho e sem assistência (para que consigam se inserir no mercado) são ainda maiores. No Brasil, dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) indicam que somente 46,8% das mulheres negras brasileiras estão formalmente empregadas.

Por que isso ocorre? Para Lais Abramo, diretora do escritório brasileiro da Or-

ganização Internacional do Trabalho (OIT), que também ministrou palestra no seminário, o problema está na falta de políticas de assistência reprodutiva, uma vez que as mulheres enfrentam dupla ou tripla jornada e, muitas vezes, passam por dificuldades ao conciliar trabalho, estudo e família. Em Goiás, a OIT reconhece um percentual de 42,7% de mulheres sem estrutura mínima para trabalhar. Em linhas gerais, falta respeito à licença maternidade e ao direito à creche.

No caso do Brasil,

em que a rotatividade dos empregos é alta e a remuneração em geral é baixa, as mulheres ainda são a maioria no comércio e nos serviços domésticos. “O trabalho doméstico foi por muito tempo a principal ocupação das mulheres no país”, lembra Abramo. Nesse sentido, ela destaca a posição específica das mulheres negras, que ainda “entram pelas portas dos fundos” no mercado, sendo a maioria das trabalhadoras domésticas, com remuneração média inferior ao salário mínimo (em 2012,

equivalente a R\$ 622,00), e possibilidades de contribuir para a previdência em apenas 32,3% dos casos.

A realidade comprova a teoria e se afasta da ideia de que a mulher já conquistou seu espaço na vida pública. Para Hirata, “enquanto não for resolvida a divisão sexual do trabalho doméstico, a desigualdade no mundo do trabalho não tem solução”. Ou seja, a transformação deve vir também da cultura e da superação do modelo patriarcal de sociedade.

Renata Gonçalves, que participou do IV Seminário Trabalho e Gênero e tem um texto intitulado *Dinâmica sexista do capital: feminização do trabalho precário*, destaca que é preciso analisar também a conjuntura estrutural da sociedade contemporânea. Para ela, transformações no sistema capitalista que mecanizaram a produção, flexibilizaram os direitos e tornaram as relações de trabalho precárias afetaram duplamente as mulheres, que ocupam os postos que sobraram. “A dominação capitalista de classe se reproduz produzindo e reproduzindo ‘diferenças’ que, no fundo, reforçam preconceitos, inclusive de gênero”, escreve.



Um dos temas discutidos no seminário foi a condição da mulher no mercado de trabalho. Cerca de 250 pessoas participaram

A mulher em tempos de violência

Assim como o Brasil, o México vive tempos de crise na segurança pública, em que o Estado disputa espaço com o crime organizado e quem sofre são os cidadãos, ou melhor, as cidadãs. Quem levantou essa polémica foi a pesquisadora mexicana Maria Luisa Tarrés, convidada do IV Seminário Trabalho e Gênero. Para ela, a violência praticada no cotidiano, sobretudo dos grandes centros urbanos, faz que a sociedade assumira uma postura conservadora nos costumes, eleja governos autoritários e, assim, interfira nos direitos das mulheres.

“Com o aumento da violência no combate ao tráfico de drogas, o crescimento do desemprego e do trabalho informal, pessoas

se guardam em suas casas, retroagem para se defender, e as mulheres são as primeiras que sofrem. Elas se recolhem à vida privada e, assim, não há mais movimentos de mulheres. No México, o feminismo se desmanchou no ar”, discursou Tarrés. Em seu pronunciamento, ela reforçou que tem sido difícil falar de gênero em seu país, sobretudo no que diz respeito aos marcos legais e ao desenvolvimento de políticas sociais para a mulher.

Os debates sobre a descriminalização do aborto, por exemplo, nos últimos anos, foram paralisados ou até mesmo encerrados de vez. “Em 17 estados da Federação foi aprovada a punição para mulheres que interrompem a gravidez”, denunciou. No caso das políticas sociais,

Tarrés relata que, até 2006, houve avanços na criação de instituições transversais, foram identificados entre os grupos de direitos humanos interesses comuns e traçadas políticas públicas para a cidadania. Tempos depois, as leis aprovadas não foram regulamentadas e os espaços específicos de cuidado e atenção à mulher tiveram seus recursos limitados ou foram até mesmo sucateados. “As instituições que aceitaram desenvolver políticas na perspectiva de gênero perderam seus incentivos. Atualmente estão sobrecarregadas de trabalho, cuidando da excessiva quantidade de mulheres violentadas”, complementou.

Diante do exposto, Tarrés disse ter preocupação com a autonomia das

mulheres no México e também no restante da América Latina. “Como sair da subordinação?”, questiona. Ela considera que, por isso, é preciso cautela ao discutir questões de gênero na academia, distinguindo sempre o que é teoria e o que são as perspectivas reais. A professora recomendou lançar sempre um questionamento: “como se aplica a perspectiva de gênero e em que contexto?”.

Segundo ela, a realidade mexicana ainda convive com alta mortalidade materna, violência doméstica e pouca inserção das mulheres na vida pública. “Não podemos seguir falando de gênero como se estivéssemos em 1995 ou até antes. Nosso contexto está parado. No México

se detectou uma onda de conservadorismo ideológico que se centra no controle da concepção da vida, da morte, do amor e da sexualidade. A diversidade no México é grande, mas a política atual torna as pessoas intolerantes”, finalizou. Tarrés sugeriu que os estudos de gênero investiguem tal situação e que o movimento feminista conquiste novamente as mulheres que estão retraídas em suas lutas, revendo discursos e práticas. Considerando que a política feminista vive uma tensão constante entre garantir direitos e ao mesmo tempo desconstruir representações sociais, talvez podemos concluir que Tarrés se refere à possibilidade de reinventar o próprio movimento.

É possível recuperar o rio Meia Ponte?

Pesquisadores de diversas áreas desenvolvem propostas para manter viva a mais importante bacia do território goiano

Patrícia da Veiga

Que contribuição a universidade dará ao rio Meia Ponte, o principal do estado em uso e abastecimento de água? Em 2009, a UFG, por meio da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG), levantou questionamento semelhante e convidou estudiosos de diversas áreas a formularem propostas de pesquisa e intervenção. Em outubro de 2012, um programa institucional foi apresentado oficialmente à sociedade durante o seminário *Meia Ponte: nosso futuro em suas águas*, realizado no Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Câmpus Samambaia.

poluição. “Que perspectivas temos para o futuro? Analisar as águas será importante para que possamos fazer previsões e planejamento”, afirmou o professor da Escola de Engenharia Civil (EEC), Kléber Formiga.

O **Ambiente Físico** terá como finalidade a cartografia do Meia Ponte, considerando aspectos geográficos, geológicos e geotécnicos. Por meio de técnicas de pesquisa como o georreferenciamento e geoprocessamento, será possível reconhecer os usos e a ocupação do solo. “Temos ideia do que provoca, por exemplo, processos erosivos, mas com esse estudo teremos detalhes para reconhecer as fontes de de-

a qualidade da água”, explicou o professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Leandro Oliveira.

O subprojeto **Socioeconomia** está encarregado de compreender como se deu o uso da terra nas margens do Meia Ponte, no período de 1970 a 2010. Serão consideradas prioritariamente as atividades de agropecuária. “A ideia básica é tentar compreender ao longo do tempo como nós chegamos à situação em que vivemos hoje”, afirmou Fausto Miziara, docente da Faculdade de Ciências Sociais (FCS).

Outra vertente será a busca de um valor monetário para o rio, conforme os usos feitos pela população.

“Como podemos ter a medida monetária de um bem que não existe no mercado? O rio Meia Ponte é um bem público, mas tem seu conjunto de valores e é isso o que buscaremos”, explicou Francis Lee Ribeiro, economista e professora da Escola de Agronomia (EA).

Educação Ambiental será o subprojeto dedicado à comunidade que habita as margens do rio, no campo e na cidade. Essa etapa do programa é arrojada, pois envolverá ações de educação e comunicação, buscando conhecer os hábitos e o imaginário da população, bem como despertar em grupos de trabalhadores e educadores a consciência necessária

Carlos Siqueira



Na Vila Roriz, em Goiânia, o rio Meia Ponte apresenta sinais de degradação

para preservar o Meia Ponte. “Fazem parte de nossas metas elaborar cartilhas ou materiais pedagógicos, capacitar lideranças e professores para abordar a temática da água, desenvolver um site interativo, além de promover rodas de conversa para conhecer o envolvimento afetivo e cognitivo das pessoas com o rio”, anunciou Marilda Shuvartz, docente do ICB.

O programa institucional Meia Ponte está aberto a novos parceiros e a propos-

tas de estudo complementares ao que está previsto. “Na constituição desse projeto, o pensamento é multidisciplinar e não está fechado”, arrematou o professor Leandro Oliveira. Com orçamento inicial de R\$ 4 milhões, a iniciativa espera ainda por financiamento. Propostas foram encaminhadas à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) e ao Fundo Estadual do Meio Ambiente, sem respostas até o momento.

Premissas da realidade

O rio Meia Ponte nasce na Serra dos Brandões, localizada no município de Itauçu, no centro-sul de Goiás, e segue por uma extensão de 500 km, encerrando seu curso nas imediações de Cachoeira Dourada. Suas águas fazem parte da microbacia do rio Paranaíba e da região hidrográfica do rio Paraná, que engloba mananciais presentes nos estados de Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina.

De acordo com a Agência Nacional de Águas (ANA), a região hidrográfica do Paraná é a mais populosa do Brasil, apresentando densidade demográfica de 69,7 habitantes por km². Nessa faixa territorial estão também os maiores centros urbanos e as principais atividades econômicas do país: da industrialização na Grande São Paulo à agropecuária intensiva no Paraná. Além disso, usinas hidrelétricas de alto impacto, como Itaipu (PR) e Cachoeira Dourada (GO), “bebem” nessas fontes.

Com área de aproximadamente 13 mil km², o rio Meia Ponte ocupa 5% do território goiano e perpassa 39 municípios, abastecendo 48% da população do estado. Seu trajeto é acompanhado pelas principais atividades econômicas de Goiás, na indústria, no comércio e na agropecuária, além de todo o fluxo populacional da região metropolitana de Goiânia e da região integrada, que reúnem um total de 20 municípios e mais de 1,3 milhão de habitantes.

Conforme o secretário de Estado das Cidades e presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Meia Ponte, Igor Montenegro, esse rio recebe o título de mais importante do estado e ocupa o posto de “sétimo mais poluído do Brasil”. De acordo com a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Goiás (Semarh), são lançados no curso do Meia Ponte, todos os dias, mais de 180 mil m³ de esgoto e uma tonelada de resíduos sólidos. Estudo intitulado *Panorama da qualidade das águas superficiais no Brasil*, publicado pela ANA em 2012, com dados de 2010, aponta que, no trecho que atravessa Goiânia, o índice de qualidade da água do Meia Ponte oscila entre as classificações “regular” e “ruim”. Isso é preocupante, uma vez que, conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), 80% das enfermidades conhecidas são transmitidas pela água.

Além da poluição, o rio Meia Ponte vem apresentando, desde a década de 1990, gradativa redução de sua vazão, que apresenta fluxo médio atual de 45 m³/s. As mudanças climáticas e os eventuais ciclos de seca podem explicar esse efeito, mas também é relevante observar, nesse processo, sinais de degradação, como ausência de mata ciliar e de galeria em muitos trechos (restam apenas 13% da vegetação nativa), lançamento clandestino de esgoto, acúmulo de entulhos e lixo, focos de erosão, assoreamento e ocupação irregular das faixas de Área de Preservação Permanente (APP). “Na minha opinião, um dos maiores motivos de desgaste para o rio é o desmatamento”, diz o professor Leandro Oliveira, há 20 anos estudando o Meia Ponte.

O caso do rio das Velhas

O projeto Manuelzão, desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no curso do rio das Velhas, pode ser inspiração para a UFG em seu intento de recuperar o rio Meia Ponte. Por isso, Carlos Bernardo Mascarenhas, docente, pesquisador do Centro de Transposição de Peixes da UFGM e integrante do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, foi convidado a ministrar palestra no seminário *Meia Ponte: nosso futuro em suas águas*.

O professor traçou uma breve trajetória do projeto, cujo início ocorreu em 1997 no curso de Medicina, quando estudantes e professores da disciplina Internato Rural perceberam a necessidade de não somente “tratar” doenças, mas também de interferir em um ambiente responsável por boa parte das enfermidades que acometem a população ribeirinha. Segundo ele, de lá pra cá, três foram as prioridades do projeto: “navegar, pescar e nadar”. “Temos alcançado nosso objetivo quando as águas do rio das Velhas estiverem apropriadas para essas três ações humanas”, declarou. Esse rio nasce em Ouro Preto, segue por 804 km, corta a região metropolitana de Belo Horizonte e deságua no município de Barra do Guaiçú.

Depois do curso de Medicina, o projeto Manuelzão tomou corpo na UFGM, sendo encampado por diversas áreas do conhecimento (Biologia, Química, Comunicação). Logo em seguida, tomou conta da sociedade civil, com o envolvimento também de comitês e subcomitês de bacias hidrográficas.

Em 2004, a meta de transformar o rio das Velhas em um espaço propício para “nadar, pescar e navegar” tornou-se, finalmente, responsabilidade do poder público. “Em 2010, conseguimos fazer com que gestores do estado e de alguns municípios nadassem com o projeto”, contou Carlos Mascarenhas, destacando que o evento, resultado de uma promessa política, ocorreu a cerca de 200 quilômetros de Belo Horizonte, em um trecho já despoluído do rio.

A meta do projeto Manuelzão é revitalizar o rio das Velhas até 2014. Para o professor da UFGM, dois são os fatores primordiais para que, em Goiânia, a iniciativa do programa institucional Meia Ponte dê certo: “interesse público e mobilização social”.



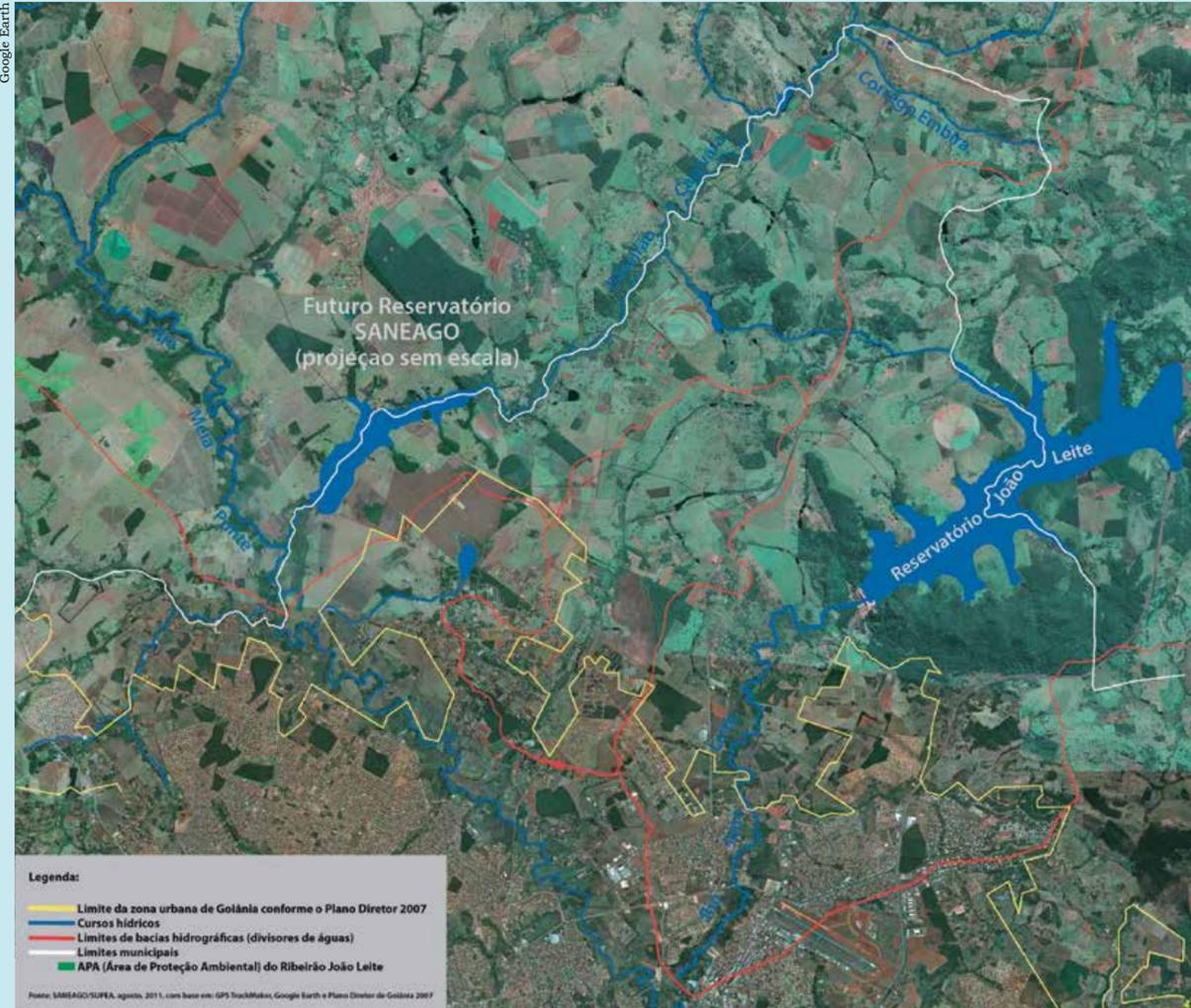
Seminário realizado no mês de outubro apresentou o programa institucional Meia Ponte à comunidade

Sob a coordenação geral da PRPPG e do professor Maurício Sales, da Escola de Engenharia Civil (EEC), o programa institucional Meia Ponte pretende desenvolver um diagnóstico sistêmico e profundo do rio, além de propor soluções para recuperação e preservação, tais como a formulação de diretrizes para um futuro plano diretor. Para tanto, a iniciativa prevê a realização de cinco subprojetos: Hidrologia, Ambiente Físico, Biodiversidade, Socioeconomia e Educação Ambiental.

A **Hidrologia** identificará a disponibilidade, em relação à quantidade e qualidade, das águas superficiais e subterrâneas que correm pela bacia. Equipamentos distribuídos ao longo do curso do rio poderão captar, entre outros aspectos, o nível da água e o teor de

gradação”, complementou a professora Patrícia Romão, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA).

As formas de vida presentes no Meia Ponte, bem como aquilo que as ameaça ou as mantém intactas, serão identificadas pelo subprojeto **Biodiversidade**. Nele estão envolvidos biólogos, engenheiros florestais, ecólogos, entre outros profissionais, para realizar um levantamento sobre a existência de vegetação, animais vertebrados, invertebrados, algas e plânctons ao longo do rio. “Estamos nos baseando em uma teoria que prevê interdependência entre o meio físico e o biológico. Em lugares onde há cheia, por exemplo, alguns animais não sobrevivem. A reprodução acelerada de algas ou do vulgarmente chamado lodo, por outro lado, pode revelar



Professor da UFGM, Carlos Mascarenhas, relata a experiência de recuperação do rio das Velhas, na região metropolitana de Belo Horizonte

CÂMPUS JATAÍ

Cursinho comunitário comemora 10 anos

Projeto de extensão promove vivência prática aos estudantes de licenciatura e amplia a possibilidade de acesso à universidade

Ana Flávia Marinho

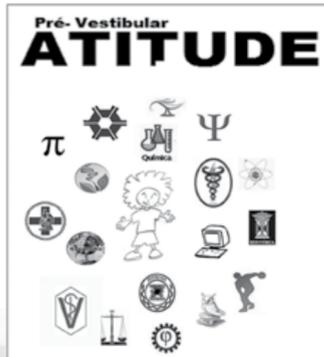
Há 10 anos nasceu a ideia de um projeto de extensão diferente do habitual no Câmpus de Jataí (CAJ). Professores e graduandos preocupados com a formação dos estudantes do CAJ e interessados em ampliar as oportunidades de acesso à universidade, organizaram-se para criar um curso pré-vestibular destinado às pessoas que não pudessem pagar pelo serviço. Surgiu o Cursinho Atitude.

Os primeiros coordenadores do cursinho, Aliny Ladd, Fernando Ladd e Paulo Xavier, na época alunos de Ciências Biológicas, dedicaram-se a planejar e a executar um projeto, cujo objetivo era aumentar a competitividade dos alunos de escolas públicas no vestibular. “Durante o desenvolvimento deste projeto, os acadêmicos que ministravam as aulas foram transformados por uma realidade que até então só era teoria nos bancos desta universidade. Eles tiveram de refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem e sobre os significados de cidadania e inclusão social”, explica Aliny.

As aulas, ministradas por alunos de graduação do CAJ, tiveram um fator positivo. Dos 23 cursos de graduação do câmpus, 10 são de licenciatura, o que contribui para o interesse dos universitários pela docência. Apesar disso, bacharelados também planejam e ministram algumas aulas do projeto.

O projeto começou modesto, apenas com aulas de Biologia. Após 10 anos, o Atitude conta com números significativos de aprovação no vestibular (dos 15 alunos que prestaram vestibular no meio do ano, 10 passaram) e com muitas histórias de sucesso alcançado por pessoas que não imaginavam cursar uma faculdade.

História - O Atitude inaugurou as atividades em maio de 2002. Inicialmente ele atendia apenas os funcionários terceirizados do câmpus. Mais tarde estendeu-se à comunidade geral sem condições financeiras de pagar um cursinho particular, e hoje o projeto recebe cerca de 80 pessoas por dia.



O cursinho - Rones de Deus Paranhos, hoje professor do Instituto de Ciências Biológicas em Goiânia, relembra os momentos passados desde a idealização do cursinho até a implantação. Ele participou do processo desde o início, sendo um dos primeiros professores e, mais tarde, coordenador do Atitude.

pela manhã e ainda trabalhava à noite. Aprovada para o vestibular de Psicologia, Jéssica retornou para o cursinho como coordenadora já em 2010. “Comecei com 17 anos, foi um choque. Depois que eu vi os meninos passando no vestibular foi muito prazeroso. É um prazer encontrar os alunos na universidade e saber que eu pude ajudar”, comenta, satisfeita com os resultados já obtidos.

Apesar de ser gratuito, a coordenadora explica que vários estudantes abandonam o cursinho, geralmente em busca de empregos. Por causa das desistências, além das duas turmas de 30 alunos abertas no início de ano, mais uma é aberta para o segundo semestre. Como as turmas são reduzidas, Jéssica afirma que as aulas são mais dinâmicas.

Resultados - O sucesso do Cursinho Atitude nos vestibulares chegou cedo, já no primeiro ano de existência. Dos 70 alunos que ingressaram, 40 prestaram vestibular, sendo 15 aprovados no CAJ, e dois no Instituto Federal de Goiás (IFG) de Jataí. O cursinho obteve o segundo índice mais alto de aprovação no CAJ no ano de 2003. “Após este sucesso, os acadêmicos que ministraram aulas no cursinho foram procurados por diversos cursos particulares preparatórios para vestibular, para ingressarem no quadro de professores”, relembra Fernando Ladd.

O prestígio que o cursinho conquistou não deslumbra Rones Paranhos. “O resultado maior é a possibilidade de inserção social. Os resultados não devem ficar restritos a um ranking de aprovação”, afirma. Mesmo não achando que o cursinho deixe todos os vestibulandos no mesmo patamar, Rones acredita que ele “proporcione uma competição mais igualitária”.



Turma do Cursinho Atitude prepara-se para o próximo vestibular. Durante esses 10 anos, mais de 800 alunos já foram beneficiados pelo projeto de extensão

Um dos idealizadores do cursinho foi o professor de Agronomia da UFG, Helder Barbosa Paulino, que participou de uma iniciativa semelhante em Ilha Solteira (SP). “Quando cheguei em Jataí, quis retribuir”, explica, orgulhoso das conquistas do cursinho.

Em 2011 os organizadores aceitaram mais um desafio: receber os dois primeiros alunos com deficiência auditiva. O cursinho contribuiu para a formação escolar desses estudantes e hoje eles cursam Pedagogia e Engenharia Elétrica.

Durante as reuniões de planejamento, a escala dos professores é montada de forma a não prejudicar os ho-

rários de aulas. Inicialmente foram selecionados 25 graduandos de diversos cursos para lecionar, de forma voluntária, nove disciplinas.

Para a primeira turma, o processo de seleção recebeu 300 inscrições. Em virtude da falta de espaço, foram selecionados 70 alunos divididos em duas turmas. “A seleção dos candidatos sempre teve como premissa favorecer os alunos com menor poder aquisitivo, maior disposição para o estudo e vontade de vencer os obstáculos que porventura pudessem aparecer”, esclarecem Aliny e Fernando Ladd. A partir de 2004, foi possível selecionar 125 pré-vestibulandos, divididos em turmas noturnas e vespertinas.

Rones relembra que muitos alunos que participavam do cursinho e eram aprovados no vestibular voltavam para dar aulas no Atitude. Aliny Ladd afirma que esse número chega a passar da metade, pois, segundo ela, “80% dos pré-vestibulandos que ingressam na universidade voltam ao cursinho como professores voluntários daqueles que agora desejam pleitear uma vaga no CAJ”.

A história da atual coordenadora do cursinho apresenta um caso de sucesso. Jéssica Cezário, hoje com 19 anos, foi aluna no ano de 2009. Ela frequentava as aulas pré-vestibular à tarde, estudava no colégio regular

admissões são feitas após análise de questionário socioeconômico, apenas para alunos que fizeram ou estejam concluindo o ensino médio em escola pública. A coordenadora do projeto de extensão e professora da Facomb, Luciene Dias, ressal-

ta que a comunidade FazArte começou como uma iniciativa totalmente independente. “Não somos nós que vamos para a comunidade, mas a comunidade que vem para a UFG”, afirma. Segundo ela, “o FazArte extrapolou os muros da universidade”.

Comunidade FazArte oferece cursinho no Câmpus Samambaia

No Câmpus Samambaia é desenvolvido o FazArte, projeto que também atende alunos sem condições financeiras de pagar aulas particulares. Hoje o projeto de extensão oferece aulas complementares pré-vestibular, mas não foi sem-

pre assim. Com início em 2005, o FazArte oferecia aulas para a área artística, uma iniciativa dos moradores da Vila Itatiaia e estudantes da UFG.

Mais tarde, alguns membros do FazArte reuniram-se para ministrar aulas de reforço

Calouros recebem bolsas de iniciação científica

Estudantes beneficiados têm a oportunidade de participar de atividades de pesquisa

Layane Palhares

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) concederam 6 mil bolsas em todo o país aos estudantes que ingressaram no primeiro semestre de 2012 em cursos de graduação em universidades e institutos federais de educação, ciência e tecnologia de todo o Brasil. As bolsas terão validade de 12 meses, de agosto de 2012 a julho de 2013.

Os selecionados recebem uma bolsa no valor de 400 reais mensais para se dedicar ao aprendizado acadêmico e à prática em ciência e tecnologia, seguindo um plano de trabalho elaborado por um professor pesquisador, treinamento em idiomas estrangei-

ros e são incentivados a participar de atividades extracurriculares como cursos e seminários. Foram beneficiados com o programa 180 estudantes da UFG, selecionados internamente mediante uma prova de conhecimentos gerais.

O objetivo do programa é incentivar o interesse pela ciência e tecnologia entre os novos ingressantes universitários e assim preparar futuros pesquisadores. A expectativa é de que, após um ano, os bolsistas já estejam aptos a participar de outros programas e projetos de extensão, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), e o Ciência sem Fronteiras. Nos próximos anos, as bolsas também serão estendidas aos alunos ingressantes em uni-

versidades estaduais e privadas.

Luana Pereira, estudante do curso de Química, está entre os 180 estudantes da UFG contemplados com a bolsa Jovens Talentos, e acredita que esta é uma oportunidade única para o estudante ter um contato mais direto com as atividades de pesquisa: “Essa experiência é importante para os estudantes que, assim como eu, pretendem desenvolver pesquisas acadêmicas, pois nos permite um contato mais direto com as atividades da área”, afirmou ela.

Segundo o professor e coordenador do Programa Estudante Convênio Graduação (PEC-G), Lawrence Gonzaga Lopes, é de responsabilidade



das instituições elaborar um programa de atividades e fazer o acompanhamento dos bolsistas. “Após a seleção, houve reuniões para discutir as normas do programa, um plano de trabalho, além de uma seleção de professores com projetos de pesquisa em andamento que poderiam orientar um ou mais estudantes de seus respectivos cursos”, disse ele. O coordenador também considera que a participação

dos alunos no projeto é importante porque permite o acesso antecipado a atividades de pesquisa já nos estágios iniciais da graduação. Além desse aspecto, o programa pode ser um incentivo a uma futura participação em outros programas de iniciação científica.

Para o estudante da Faculdade de Odontologia, Matheus Felter Rocha, com o projeto, os graduandos do primeiro semestre terão um contato mais direto com as atividades de pesquisa. “Do momento da implementação da bolsa até hoje percebi algumas contribuições que ela me trouxe, como a experiência de trabalhar em equipe, a participação em eventos científicos e a aproximação com pesquisas científicas a que apenas os estudantes de períodos mais avançados teriam acesso”, disse o estudante.

Conpeex reúne acadêmicos

A nona edição do Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (Conpeex) recebeu 6.300 inscritos e a apresentação de mais de 2 mil trabalhos de graduação e pós-graduação produzidos na UFG. A programação de 2012 foi marcada por uma variedade de eventos científicos e culturais.

O I Workshop do programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) foi um desses eventos. A coordenadora institucional do PIBID, professora da Universidade Federal de Uberlândia, Daisy Rodrigues do Vale, presidiu a atividade, cujo objetivo foi promover a troca de experiências, discussões e o debate, com base nas ações desenvolvidas pelo programa.

A conferência que abriu o evento abordou o mesmo tema do congresso, “Economia Verde, Sustentabilidade e Desenvolvimento Social”, e foi proferida pelo professor da Universidade de Brasília (UnB), Sérgio Sauer. Ele falou sobre a necessidade de buscar o desenvolvimento, sem exercer pressão sobre o meio ambiente, oferecendo respostas para a crise atual.

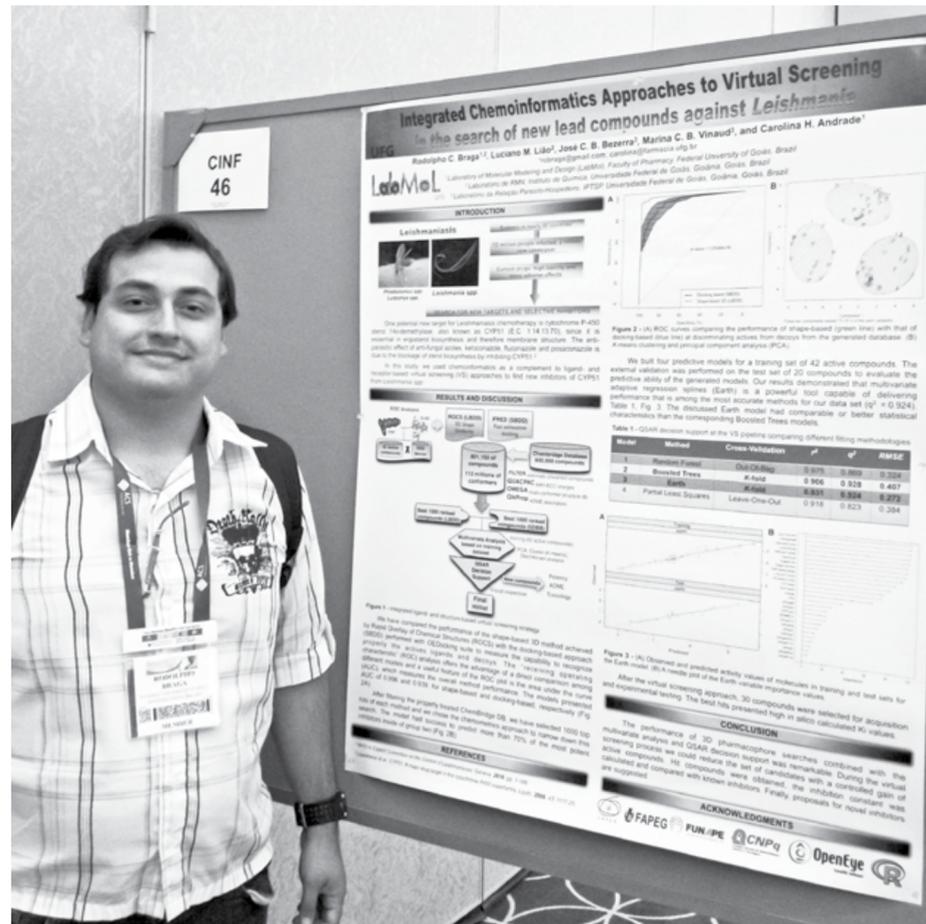
Outra importante atividade foi a mesa-redonda “Energia, Bioenergia e Conservação Ambiental”, ministrada pelos professores Paulo Eduardo Artaxo Neto, da Universidade de São Paulo (USP), Américo José dos Santos Reis, da UFG, e José Mauro de Oliveira Ferreira, do Sindicato da Indústria e Fabricação de Etanol e Açúcar do Estado de Goiás (SIFAEG).

Trabalho científico sobre agentes antiparasitários recebe prêmio internacional

Sociedade Americana de Química reconhece importância de estudo feito na UFG sobre novos compostos inibidores de *Leishmania*

Ana Flávia Marinho

O doutorando do programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Química das Universidades Federais de Goiás, Mato Grosso do Sul e Uberlândia (UFG/UFMS/UFU), Rodolpho de Campos Braga, recebeu da Divisão de Informação em Química (Division of Chemical Information - CINF) da Sociedade Americana de Química (American Chemical Society - ACS) o prêmio por Excelência Científica no Encontro Nacional da ACS. A premiação ocorreu durante a 244ª reunião da entidade, em agosto deste ano, na Filadélfia, Estados Unidos, onde Rodolpho apresentou seu trabalho. Orientado pelos professores Luciano Moraes Lião, do Laboratório



O trabalho é parte do projeto de doutorado de Rodolpho Braga, que envolve a integração de estratégias em Química Medicinal para a identificação de inibidores seletivos da enzima CYP51, através da combinação de métodos computacionais e experimentais

Divulgação

de Ressonância Magnética Nuclear, do Instituto de Química, e Carolina Horta Andrade, do Laboratório de Modelagem Molecular da Faculdade de Farmácia da UFG, o trabalho científico “Abordagens integradas de quimioinformática na busca virtual de novos compostos contra *Leishmania*” consiste em uma das etapas da tese de doutorado de Rodolpho Braga. Colaboraram na produção os professores José Cleildo Barreto Bezerra e Marina Clare Vinaud, do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP). O interesse em estudar o assunto surgiu após a constatação da falta de alternativas quimioterápicas no tratamento contra doenças parasitárias, com o intuito de buscar novos agentes antiparasitários. Rodolpho Braga, juntamente com seus orientadores, tenta desenvolver novos fármacos mais eficazes, seguros e que causem menos efeitos colaterais nos pacientes.

O trabalho

O trabalho é parte do projeto de doutorado de Rodolpho Braga, que envolve a integração de estratégias em Química Medicinal para a identificação de inibidores seletivos da enzima CYP51, por meio da combinação de métodos computacionais e experimentais.

Os estudos iniciados há oito meses equivalem à primeira etapa do desenvolvimento de novos medicamentos. Um processo longo de pesquisas e testes em laboratório que pode se estender por cerca de 10 anos. Mas Carolina Horta é otimista em relação ao desenvolvimento das atividades. “De acordo com os estudos computacionais, nós temos compostos bastante promissores para inibir o crescimento de *Leishmania*.” Sendo assim, esses resultados foram reconhecidos no encontro da Sociedade Americana de Química. As análises computacionais já foram feitas e as próximas etapas da pesquisa são experimentos *in vitro* e, finalmente, em seres vivos.

A tese

A professora Carolina Horta Andrade explica que a tese de Rodolpho é um projeto multidisciplinar, que envolve etapas desenvolvidas na Faculdade de Farmácia, no IPTSP e no Instituto de Química, com a colaboração de vários professores e pesquisadores. Tendo em vista o avanço na busca de conhecimento acerca de fármacos e medicamentos inovadores, faz-se necessário a busca por novas estratégias de tratamento para as Doenças Tropicais Negligenciadas, como a leishmaniose.

De acordo com o projeto de pesquisa, os protozoários da família Trypanosomatidae podem causar doenças graves em seres humanos, como a doença do sono (*Trypanosoma brucei*), a doença de Chagas (*Trypanosoma cruzi*), e a leishmaniose (*Leishmania spp.*). A leishmaniose consiste em um grupo de doenças causadas pelo protozoário *Leishmania* e transmitidas por cerca de 30 espécies de mosquitos, conhecidos popularmente como “mosquito-palha”. As doenças são classificadas de acordo com três manifestações clínicas principais: a do tipo visceral, que ataca principalmente os órgãos internos; a mucocutânea, com lesões que destroem parcial ou totalmente as mucosas nasal e oral; e a cutânea, causando lesões ulcerativas em áreas expostas, como pernas e braços. Entre as manifestações clínicas, a leishmaniose visceral é a mais grave, atingindo cerca de 2 milhões de pessoas por ano em todo o mundo, principalmente em países de clima tropical.

O projeto tem como objetivo central o planejamento de novos inibidores da enzima CYP51, envolvida na síntese de esteróis de membrana de parasitos, que possam ser ativos contra *Leishmania spp.* em um paradigma de Química Medicinal moderna que envolve a integração de métodos computacionais e experimentais, contemplando o planejamento, a identificação, a avaliação biológica e bioquímica e estudos de metabonomica por meio de ressonância magnética nuclear (RMN) da *Leishmania spp.*, que terá crucial importância na identificação das alterações ocorridas no processo de biossíntese do ergosterol nesses tipos de parasitas. Rodolpho Braga explica que, com os experimentos *in vitro*, “espera-se a identificação por RMN das alterações na biossíntese do ergosterol em parasitas de *Leishmania spp.* na presença e na ausência de inibidores planejados pela triagem virtual”.

Os estudos vem sendo realizados com a colaboração de vários grupos de pesquisa do Brasil e exterior. Integram este projeto a Rede Goiana de Pesquisa em Ressonância Magnética Nuclear, sob coordenação do professor Luciano Moraes Lião, a Rede Goiana de Pesquisa em Modelagem Molecular e Difração de Raios X Aplicada ao Desenvolvimento de Novos Fármacos, sob coordenação do professor José Ricardo Sabino, e a Rede Goiana de Pesquisa em Biotecnologia e Metabolômica da Relação Parasito-Hospedeiro, coordenada pelo professor José Cleildo Barreto Bezerra. Além disso, o projeto conta com a colaboração da professora Elizabeth Igne Ferreira do Laboratório de Planejamento de Fármacos Potencialmente Ativos contra Endemias Tropicais (LAPEN), da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (USP). No exterior, o projeto conta com a importante colaboração do professor Anton J. Hopfinger, da *University of Illinois at Chicago* (UIC), nos Estados Unidos, um dos maiores especialistas da área de *Computer-Assisted Molecular Design* e introdutor da metodologia de 4D-QSAR.



Fotos: Divulgação

O prêmio

O reconhecimento do trabalho pela Sociedade Americana de Química é inédito para a UFG, ademais, esse é o primeiro prêmio *CINF Scholarship for Scientific Excellence* recebido por uma equipe brasileira. Carolina Horta afirma que “é um grande avanço em relação à pesquisa”. Ela também destaca a importância da característica multidisciplinar do projeto de Rodolpho Braga. “Estamos conseguindo integrar diversas áreas. Cada um contribui com seu conhecimento para chegar a um objetivo comum, que é desenvolver um fármaco contra uma doença considerada negligenciada”, explica a professora, ressaltando o desinteresse das indústrias farmacêuticas em promover pesquisas na área por motivos econômicos.

Floresta Amazônica já possui espécies com garantia de extinção até 2050

Em artigo publicado na revista *Science*, professor da UFG afirma que ações antrópicas na Floresta Amazônica são responsáveis pelo aumento na taxa de extinção de espécies

Anamaria Rodrigues

Não é de hoje que o impacto ambiental causado na Floresta Amazônica pelas ações humanas (chamadas de antrópicas) é motivo de preocupação. Perda de habitat, mudanças climáticas e a presença de espécies invasoras são o resultado do desmatamento na região. Recentemente um novo alerta foi dado: segundo o artigo publicado por pesquisadores britânicos em julho deste ano na revista *Science*, até 2050 a Floresta Amazônica perderá grande parte de seu habitat.

Os pesquisadores desenvolveram uma forma de prever, em longo prazo, o impacto causado pelo desmatamento sobre as espécies de mamíferos, anfíbios e répteis da região. Segundo a pesquisa, a Amazônia perderá, em média, cerca de nove espécies de vertebrados, estando outras 16 espécies correndo risco de extinção até 2050.

Há aproximadamente dois anos como revisor da revista *Science*, o professor do Departamento de Ecologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFG, Thiago Rangel, foi também convidado pela primeira vez a escrever um artigo comentando os efeitos das conclusões do estudo publicado na situação atual do Brasil.

Thiago Rangel explica que extinções acontecem "naturalmente", sem intervenção humana. Isto ocorre porque existe a chamada "taxa de extinção de fundo". Porém, estudos mostram que a ação humana tende a aumentar essa taxa. Em seu artigo o professor considera que certas ações antrópicas na Floresta Amazônica possam ter aumentado em 100% a taxa de extinção de espécies na região. Mas ele deixa claro que a extinção não ocorre de uma hora para a outra. Ela pode ocorrer várias gerações depois



Professor Thiago Rangel foi convidado pela revista *Science* para comentar a pesquisa inglesa que prevê a longo prazo o impacto causado pelo desmatamento sobre as espécies de animais

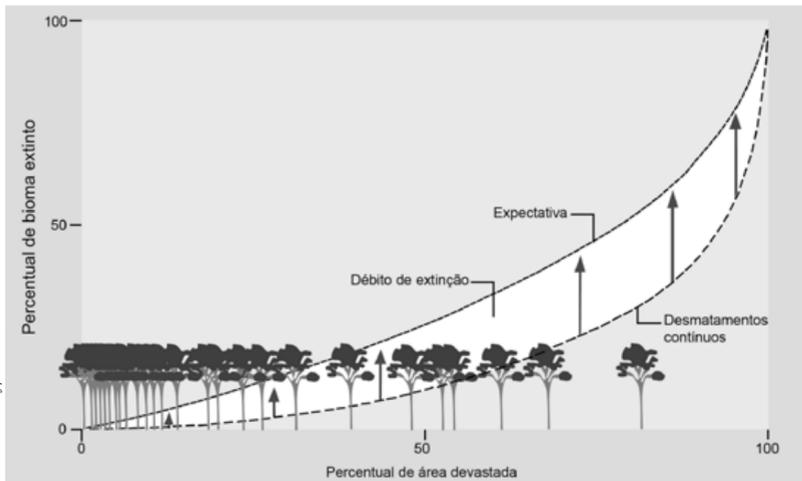


Gráfico mostra relação entre área degradada e extinção de espécies

de uma primeira intervenção humana. E foi com base nesse aspecto que os pesquisadores britânicos procuraram descobrir quantas espécies estão a caminho da extinção. De acordo com eles, essas espécies já estariam condenadas por intervenções feitas no passado. É o que os pesquisadores denominam de "débito de extinção".

Para Thiago Rangel, é possível contornar esse

"débito de extinção". A diminuição do desmatamento ajudaria a baixar a taxa dessa "dívida", mas não seria suficiente para preservar a biodiversidade. A solução definitiva seria a restauração das florestas. E, apesar de apresentarem de início uma variedade menor de espécies nativas, "gradualmente as florestas restauradas ou regeneradas recuperam a riqueza de espécies, composição e

funções dos ecossistemas vitais, reduzindo a dívida de extinção e mitigando a perda de espécies locais", afirma Rangel em seu artigo.

Preço a pagar - Em busca de desenvolvimento econômico, o governo federal começou a investir em obras de infraestrutura na região, entre as quais está a instalação de 22 grandes hidrelétricas na Bacia Amazônica. Segundo Thi-

ago Rangel, a construção de hidrelétricas afeta inicialmente organismos terrestres, na medida da área desmatada/alagada. Passa a afetar também organismos aquáticos, à medida que gera barreiras para a dispersão de espécies ao longo do rio. "Sem dúvida o impacto é muito significativo, e certamente contribuirá para o desaparecimento de espécies nas regiões onde as hidrelétricas forem construídas", afirma Rangel.

Mas até que ponto é justificável a população pagar tão caro pelo desenvolvimento econômico? Para Thiago Rangel, se esse investimento em infraestrutura tivesse a capacidade de desenvolver economicamente a região, de forma que esse desenvolvimento resultasse em qualidade de vida para a população, o preço seria aceitável. Porém, ele afirma que não existe uma demanda real de energia elétrica na região amazônica nem hoje e nem para os próximos 20 anos. As hidrelétricas que estão sendo construídas têm como principal objetivo atender poucas indústrias, como mineração e metalurgia, estas com grande potencial destrutivo.

Essas indústrias exploram minérios (como a bauxita, do qual é extraído o alumínio) que demandam uma grande quantidade de energia elétrica para serem produzidos e geram também resíduos tóxicos como resultado da produção. "No final, a energia necessária para produção é mais cara do que o próprio minério bruto e ainda ficamos com o resíduo da produção. Essa exploração mineral mecanizada também gera poucos empregos. Dessa forma, são poucas as pessoas diretamente beneficiadas por essa forma de infraestrutura bancada por recursos federais", explica Thiago Rangel.

Produção acadêmica é reconhecida

Entre os destaques está o Prêmio SciVal 2012 com o qual a universidade foi premiada na categoria Crescimento da Produção Científica

Layane Palhares, Anamaria Rodrigues e Michele Martins

A Universidade Federal de Goiás recebeu em Brasília, no dia 18 de outubro, o Prêmio SciVal 2012, na categoria Crescimento da Produção Científica. Dez instituições foram selecionadas para a premiação com base em indicadores de produção científica extraídos da ferramenta de avaliação SciVal, da Editora Elsevier. Mas este é apenas um dos prêmios que a UFG recebeu nos últimos meses e que avaliam o crescimento da pesquisa no país.

A UFG também se destacou no Prêmio FINEP de Inovação - Centro-Oeste. Na categoria Instituição de Ciência e Tecnologia, a universidade conquistou três colocações pelas atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Métodos de Extração e Separação (Lames) do Instituto de Química, pelo Centro de Pesquisa em Alimentos (CPA) da Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ), e pelo Laboratório de Pesquisas de Produtos Naturais da Faculdade de Farmácia (LPPN). E, para finalizar os destaques do mês, a aluna do curso de Engenharia de Alimentos da UFG, Sarah Carneiro Henriques, recebeu o terceiro lugar na categoria Grande Empresa com o projeto "Otimização da logística de distribuição de matéria-prima", feito na empresa Cipa Industrial de Produtos Alimentares (Mabel).

O reitor Edward Madureira Brasil declarou que essas conquistas são mérito de todos da universidade. Para ele, com essas premiações, a UFG insere-se definitivamente no cenário nacional como uma das grandes instituições de produção de conhecimento do Brasil. "O grande valor de uma instituição são as pessoas que a compõem. É possível produzir ciência de qualidade, bastando para isso ter as políticas corretas e o devido apoio do governo federal", disse ele.

Prêmio Scival - Destinado às instituições brasileiras de ensino e pesquisa que mais contribuíram para o avanço científico do país, o prêmio está em sua segunda edição. A cerimônia é uma realização da Elsevier, com o apoio



Sarah Carneiro Henriques ao lado do diretor da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, Juarez Patrício de Oliveira Júnior

da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/ MEC). O Prêmio SciVal também é oferecido em outros países, como forma de homenagear representantes das diversas comunidades científicas. De acordo com pesquisas recentes, o Brasil ocupa o 13º lugar no ranking de países de maior produtividade científica. A UFG recebeu o prêmio pelo crescimento de sua produção científica, cuja média anual foi de 19,96% entre os anos de 2007 e 2011. Neste período, os pesquisadores da UFG publicaram 2.604 artigos em periódicos científicos indexados na base de dados Scopus.

Foram premiadas dez instituições, selecionadas pela ferramenta de avaliação SciVal, da Elsevier, cujos critérios incluíram a colaboração com instituições brasileiras e estrangeiras e citações por documento. O SciVal é um portfólio completo de ferramentas web para a gestão da produção científica, que apoia a tomada de decisão institucional para estabelecer, executar e avaliar es-



Doze finalistas do prêmio Finep etapa Centro-Oeste seguem para a etapa nacional

laboratório estão os Processos de produção de biograxas e biolubrificantes a partir de óleos ou gorduras vegetais ou animais, os quais possibilitam a produção de graxas e lubrificantes renováveis, com performance superior e custo inferior aos apresentados pelos produtos comerciais de origem fóssil.

Na área ambiental, o Lames é responsável pela elaboração de um sistema inovador de monitoramento da poluição atmosférica, que vem sendo aplicado para monitorar a poluição do ar em Goiânia. Além disso, em parceria com o governo da República de Timor-Leste, no Lames foram produzidos sistemas simples, baratos e de fácil concepção para a purificação de água utilizando filtros contendo borra de café. Este processo inovador possibilitará que a população timorense (da qual somente 5% é abastecida com água tratada) venha a receber água potável, minimizando custos e prejuízos em saúde pública.

Prêmio Finep - A região Centro-Oeste teve 54 inscritos, sendo 24 de Goiás, 18 de Mato Grosso, sete de Mato Grosso do Sul e cinco do Distrito Federal, com um total de 12 finalistas no prêmio organizado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). A finalíssima nacional será em Brasília, em data e local a serem definidos.

Pela segunda vez consecutiva, o Lames ficou entre os finalistas, conquistando, dessa vez, o primeiro lugar da categoria, o que lhe rendeu um prêmio de R\$ 200 mil para serem utilizados em atividades de pesquisa, além da chance de concorrer à etapa nacional. O Lames foi criado em 2003, e desde então atua em extensão e pesquisa científica e tecnológica com o apoio do MCTI, CNPq, CAPES, FUNAPE e Finep. Entre as principais inovações recentemente desenvolvidas no

laboratório estão os Processos de produção de biograxas e biolubrificantes a partir de óleos ou gorduras vegetais ou animais, os quais possibilitam a produção de graxas e lubrificantes renováveis, com performance superior e custo inferior aos apresentados pelos produtos comerciais de origem fóssil.

Na área ambiental, o Lames é responsável pela elaboração de um sistema inovador de monitoramento da poluição atmosférica, que vem sendo aplicado para monitorar a poluição do ar em Goiânia. Além disso, em parceria com o governo da República de Timor-Leste, no Lames foram produzidos sistemas simples, baratos e de fácil concepção para a purificação de água utilizando filtros contendo borra de café. Este processo inovador possibilitará que a população timorense (da qual somente 5% é abastecida com água tratada) venha a receber água potável, minimizando custos e prejuízos em saúde pública.

O Centro de Pesquisa em Alimentos (CPA) foi reconhecido por suas atividades dos últimos três anos. Os resultados dos projetos do órgão demonstraram que não existe risco significativo de contaminação das carcaças bovinas a partir das gotas de condensação que eventualmente aparecem nas áreas refrigeradas dos abatedouros de bovinos em uma temperatura de 12°C. Essa informação foi aprovada pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF), e permitirá uma economia significativa de energia e melhor aproveitamento do espaço nas indústrias e frigoríficos.

O Laboratório da Qualidade do Leite, vinculado ao CPA, em parceria com uma empresa de informática, elaborou um conjunto de indicadores das amostras de leite analisadas no laboratório, acrescido de uma base de conhecimentos produzidos por seus pesquisadores. De acordo com o professor Moacir Evandro Lage, que representou a EVZ durante a cerimônia de premiação, "esses projetos do CPA permitiram que 48 frigoríficos brasileiros exportassem carnes para o mercado da União Duaneira (Rússia, Ucrânia e Bielorrússia), e o atendimento de mais de 250 produtores de leite do estado de Goiás e do Distrito Federal", destacou.

O LPPN, da Faculdade de Farmácia, nos últimos três anos aumentou sua capacidade de inovação tecnológica com produtos e processos capazes de serem transferidos para o setor produtivo, como a fabricação de creme hidratante com óleo de semente de baru, e de processos de obtenção e preparação de extratos de semente de plantas, como a jabuticaba e o yakon, entre outros vegetais.

Laboratório multidisciplinar inova forma de produção de pesquisas

Iniciativa une as áreas de Arte, Computação, Música e Comunicação para gerar projetos que englobam arte tecnológica, produção de banco de dados e sistemas de controle

Kharen Stecca

No processo de geração de novas tecnologias é importante ir além de funcionalidades e objetivos práticos. É preciso, antes de tudo, ser criativo. Nada é mais eficiente que unir diversas áreas do conhecimento para gerar novas possibilidades. É exatamente com essa premissa que o Media Lab, o mais novo laboratório da UFG, trabalha.

Unidade vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG) e criada pelo Núcleo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas, o laboratório une diversas áreas do conhecimento, como Arte, Computação, Música e Comunicação, para gerar diversos projetos de arte tecnológica, *design* de interfaces computacionais e mídias interativas, como jogos eletrônicos, sistemas de controle e banco de dados.

Em 2011 o laboratório foi contemplado com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), com base no edital do Fundo de Infraestrutura (CT-Infra), para construir sua sede própria, localizada no Câmpus Samambaia. O orçamento da obra é de R\$ 1 milhão e 300 mil reais. A inauguração deve ocorrer em maio de 2013, durante o Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas. O laboratório é multiusuário e composto por gabinetes de pesquisa, laboratórios de *hardware*, de *software*, sala de reunião, centro de documentação, miniauditório, estúdio de áudio, fotografia e vídeo, sala de tratamento de imagens e sala de exposição.



Cleomar Rocha, coordenador do projeto, acredita que a inauguração do novo prédio dará maior força à pesquisa multidisciplinar

O coordenador geral do Media Lab e professor da Faculdade de Artes Visuais, Cleomar Rocha, ressalta que hoje há nove pesquisadores, todos doutores, dez

alunos, entre graduandos, mestrandos e doutorandos, além de sete entidades, incluindo a Secretaria Estadual de Cultura, envolvidos com os projetos. "Conside-

rando todas as unidades e órgãos, alcançamos algo próximo a cem pessoas no projeto", afirma.

Para o professor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facom), Goiamérico Felício Carneiro dos Santos, o Media Lab vem suprir uma enorme lacuna existente na UFG. "Na era cibercultural, a universidade tem pela frente o inevitável desafio de integrar seus diferentes campos de conhecimento num laboratório de mídias digitais, que propiciasse o pleno desenvolvimento de projetos de pesquisas. Com a implementação do laboratório, a UFG entra em consonância com os grandes centros de pesquisa tecnológica", afirma. O professor Hugo Nascimento, do Instituto de Informática, e coordenador do Centro de Recursos Computacionais da UFG (Cercomp), também acredita nessa parceria: "Discutimos ideias, apoiamos a submissão de projetos de pesquisa e de financiamentos. Acreditamos que podemos fortalecer os laços entre os diversos campos de conhecimento com a nossa bagagem técnica na área de informática", afirma o professor.

PROJETOS VINCULADOS AO MEDIA LAB

Mesa Interativa

A mesa interativa multitoques é um artefato desenvolvido pelo professor Márcio Rocha, da Faculdade de Artes Visuais, com apoio da equipe do Media Lab, similar à *Surface* (agora renomeada como *Pixel Sense*) desenvolvida pela Microsoft. O recurso tem baixo custo de desenvolvimento e propõe uma experiência além da interação por meio de dispositivos eletrônicos tradicionais, que fazem uso do *mouse* ou teclado. Sua interface permite interação com o conteúdo digital de forma intuitiva, fluida e natural, por meio de toques múltiplos e gestos, estreitando a relação entre as pessoas e a tecnologia. A mesa interativa permite explorar, experimentar e testar projetos desenvolvidos no Media Lab, como jogos educacionais, programas de aprendizado, instalações artísticas, games e aplicativos, utilizando recursos que proporcionem um ambiente colaborativo e multiusuário, na elaboração de pesquisas destinadas à compreensão dos fenômenos entre a interação humana e os dispositivos tecnológicos.



Carlos Siqueira



Divulgação

Sobre Vãos

SobreVãos é uma instalação que se apropria de tecnologias disponíveis e cria a oportunidade de experiências interativas, colaborativas e imersivas, utilizando-se de um veículo aéreo não tripulado (VANT), de modelo quadricóptero, controlado por quatro hélices, equipado com sistema de câmera móvel e transmissão de vídeo. Óculos imersivos com captação do movimento da cabeça (*head-tracking*) movimentam a câmera acoplada no quadricóptero, possibilitando controlar colaborativamente o VANT e a câmera, em uma experiência imersiva. Para saber mais acesse: www.medialab.ufg.br

Portal UFG

O Media Lab, em parceria com o Cercomp, está desenvolvendo o novo Portal Web da UFG. O projeto deve tornar o portal mais moderno e com mais recursos que o atualmen-

te em uso, que funciona com base na ferramenta *Weby*, e é um dos sites mais acessados em Goiás. A aplicação zela pela acessibilidade da interface gráfica. O projeto é uma de-

manda da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec) com o apoio de profissionais da Assessoria de Comunicação e Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar).

Residência artística

Numa iniciativa inédita para o laboratório, o Media Lab tornou-se parceiro da ONG Casa da Árvore, com o fim de proporcionar residências artísticas (uma espécie de estágio) como a realizada em outubro, intitulada "Res#6: novos territórios". Nesta edição candidataram-se artistas e pesquisadores de outros países, como Argentina, Chile, Colômbia, Equador e Espanha.

Os artistas selecionados para a residência foram os equatorianos Juan Carlos León e Quiliro Ordóñez, com o projeto "e-ler-

ações *hacker* para um bom compartilhamento", que consiste em propor um dispositivo barato, confeccionado com softwares livres, cujo objetivo é criar um dispositivo com portas USB, que permita aos usuários baixar e realizar *uploads* de arquivos para uma midiateca na Internet. A intenção é criar algo bem mais barato que um computador e que permita interatividade do usuário com os conteúdos disponíveis na midiateca. O projeto foi desenvolvido no Centro Cultural Gustav Ritter, no setor Campinas.

Media Lab no mundo

Este projeto visa a formar um conjunto de embaixadores do Media Lab UFG em alguns países, para a divulgação e prospecção de acordos e convênios,

que permitam a realização de eventos internacionais, com efetiva participação e colaboração de estrangeiros, inclusive pela internet, além de pesquisas conjuntas,

com participação do Media Lab. Já existem embaixadores no Canadá, Argentina, Inglaterra, Itália, Espanha, França e Tailândia.

Espante os corvos de Van Gogh

O trabalho interativo "Espante os corvos de Van Gogh" é uma arte computacional desenvolvida na disciplina Poéticas artísticas na cultura contemporânea, orientada pelo professor Cleomar Rocha. Ele usou *softwares* e *hardwares* específicos para criar o processo de interação com a tela *Campos de trigo com corvos*, do holandês Vincent Van Gogh. "Baseado em interface de reconhecimento de gestos, o sistema interativo convida o participante a ultrapassar a contemplação, tida na pintura

original, e alcançar a interação com os elementos tratados, com a possibilidade de espantar os corvos", explica Cleomar Rocha. O movimento do participante na frente da projeção resulta na fuga dos pássaros na tela da pintura, dando novos propósitos ao trabalho, de origem pós-impressionista. Para ver a obra é só acessar o *link* <http://www.medialab.ufg.br/site/#espante-os-corvos-de-van-gogh>, com o vídeo do trabalho sendo apresentado na Faculdade de Artes Visuais (FAV).



Divulgação

CÂMPUS JATAÍ

Projeto Carona estimula a redução do uso de automóveis

Renan Vinicius Aranha

Como você chega até a universidade? Um projeto da Assessoria de Comunicação (Ascom) do Câmpus Jataí (CAJ) da UFG promete mudar a forma como a comunidade acadêmica utiliza os meios de transporte. Idealizado pelo professor Cláudio André Barbosa de Lira, o "Projeto Carona" visa a colaborar com a redução da emissão de gases poluentes pelos veículos auto-

motores, por meio da criação de uma rede de caronas, para gerar economia e segurança.

Baseando-se na realidade de boa parte dos membros da comunidade acadêmica que, em sua maioria, são de outras localidades, o "Projeto Carona" não oferece apenas o transporte para a Cidade Universitária, mas também para outras cidades. Para a estudante do curso de Biomedicina do CAJ, Thaissa Franco, além de contribuir para a



preservação do meio ambiente o projeto também promove a interação entre estudantes e servidores da universidade. "Todo o estresse de pegar ônibus e táxi, tanto em Goiânia como em Jataí, é minimizado. Sempre que preciso ir a Goiânia vou de carona com pessoas cadastradas no projeto."

A participação no projeto, restrita à comunidade acadêmica do Câmpus Jataí, é feita por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem

(Moodle), que pode ser acessado pelo endereço <http://ead.jatai.ufg.br>.

Também integram o projeto o professor Wanderley Alencar, do Instituto de Informática (INF), que é o administrador do Moodle, e a professora Daniela Dias, do curso de Engenharia Florestal, que é a responsável pelo cálculo da quantidade de gases poluentes que deixarão de ser emitidos graças às caronas.

CÂMPUS CATALÃO

Cresce o número de projetos contemplados com o ProExt

Fábio Gaio

O resultado final do edital que selecionou programas e projetos desenvolvidos pela UFG, que irão receber em 2013 recursos do Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação (MEC), trouxe para o Câmpus Catalão (CAC) um aumento expressivo do número de contemplados. Em um total de 18 programas e projetos selecionados, dez se referem a Goiânia, três a Jataí e cinco a Catalão. Para a coordenadora geral de Extensão e Cultura do Câmpus Catalão, Maria do Carmo Moraes Pinheiro, este é um momento importante para o CAC, onde a extensão local tem sido pensada com empenho e dedicação pelos servidores.

De acordo com Maria do Carmo, serão destinados 450 mil reais em recursos, sendo 50 mil reais para os três projetos e 150 mil reais para os dois programas. A professora esclarece que os programas contemplam duas ou mais ações extensionistas, como a promoção de um evento e a criação de um curso. Já o projeto



Ludoteca, um dos projetos contemplados com o ProExt

corresponde a apenas uma ação. As linhas temáticas contempladas em Catalão estão focadas em educação, cultura e arte, desenvolvimento rural e geração de trabalho e renda, por meio do apoio e fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários. Todo o investimento deverá ser justificado e a verba destinada ao projeto poderá ser utilizada para concessão de bolsa a alunos de graduação. É possível investir também na aquisição de material de consumo e permanente, contratação de serviços de

terceiros e pagamento de diárias e passagens.

Os recursos devem ser utilizados durante o ano de 2013, não podendo ser redistribuídos para o ano seguinte. Conforme Maria do Carmo, o autor do projeto precisa enviar pela internet, por meio do Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGProj) do MEC, os relatórios referentes à ação, para que a Pró-reitoria de Administração e Finanças (Proad), responsável pela administração local da verba, faça a devida prestação de contas. Para a professora,

a maior dificuldade em relação ao ProExt refere-se aos prazos para cumprimento dos trâmites burocráticos na universidade, já que a demora na aquisição de materiais e pagamentos diversos algumas vezes pode comprometer o projeto, pois os recursos ficam disponíveis por apenas um ano.

O ProExt – O ProExt é um programa do MEC desenvolvido em parceria com outros ministérios, com o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimen-

to de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implantação de políticas públicas. Criado em 2003, o ProExt abrange a extensão universitária, com ênfase na inclusão social.

Todos os anos o MEC distribui para cada universidade um quantitativo de vagas que poderão ser contempladas com os recursos do ProExt. As próprias universidades realizam uma seleção local, o que, no caso da UFG, é feito pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec). Em seguida, os classificados partem para a etapa seletiva nacional, quando avaliadores do MEC, via SIGproj, selecionam os melhores projetos.

O Sistema SIGproj tem como objetivo auxiliar o planejamento, a gestão, a avaliação e a publicidade de projetos de extensão, pesquisa, ensino e assuntos estudantis desenvolvidos e executados nas universidades brasileiras. A elaboração de projetos é feita em formulário online no SIGProj diretamente pelo coordenador/tutor da proposta, nas respectivas unidades institucionais, conforme as normas de cada instituição.

Seminário de Integração Institucional do Câmpus Catalão

Produzido pela Coordenação de Treinamento e Desenvolvimento do Departamento de Desenvolvimento e Recursos Humanos da UFG (DDRH), o Seminário de Integração Institucional do Câmpus

Catalão (CAC) será realizado nos dias 04 e 05 de dezembro 2012, no auditório Professora Sirlene Duarte. O público-alvo do evento são os servidores técnico-administrativos em Educação recém-nomeados e

os demais que ainda não participaram do momento de integração. A participação é obrigatória e compõe a avaliação do estágio probatório.

Além de integrar os novos servidores à UFG, o

evento discute temas como estágio probatório, progressão por capacitação e incentivo à qualificação, saúde e trabalho, ética no serviço público, pesquisa e extensão. No CAC, o evento foi organizado pela Secre-

taria Administrativa, em parceria com o DDRH, por meio da Coordenação de Treinamento e Desenvolvimento, e com o apoio da Coordenação de Extensão e Cultura, Prefeitura do CAC e Ascom/CAC.

CAI
Coordenadoria de
Assuntos Internacionais

UFG participa de encontro do Projeto Alfa Trall na Europa

De 19 a 25 de setembro, foi realizado mais um encontro do Projeto Alfa Trall (<http://www.alfa-trall.eu/>), do qual a UFG é integrante, representando o Brasil, junta-

mente com outras 14 instituições latino-americanas e cinco europeias. O encontro foi dividido em duas partes: primeiramente, todo o consórcio se reuniu em Amsterdam, Holanda, na *Inholland University of Applied Sciences*. Em seguida, ocorreram encontros na Universidade de Bolonha, Itália, na Universidade de Barcelona, Espanha e na *Etcharry Formation Développement*, França. Entre as atividades destaca-se a palestra da professora Madhu Singh, do Instituto da Unesco para a Aprendizagem



Divulgação

ces. Em seguida, ocorreram encontros na Universidade de Bolonha, Itália, na Universidade de Barcelona, Espanha e na *Etcharry Formation Développement*, França. Entre as atividades destaca-se a palestra da professora Madhu Singh, do Instituto da Unesco para a Aprendizagem

Unesco para a Aprendizagem

Artista canadense realiza filme em parceria com professora da FAV

Artista canadense, renomado na área de vídeo arte, Romeo Gongora, em parceria com a professora da Faculdade de Artes Visuais (FAV), Rosa Berardo, fará um filme em Goiânia misturando os gêneros documentário e ficção. O filme terá como temática a religiosidade afro-brasileira e abordará as implicações sociopolíticas do sincretismo por meio da religião umbanda. Segundo Romeo Gongora, "O filme foi pensado para enriquecer e ampliar o conceito de sincretismo religioso e também abordar as questões das grandes



Wagner Farias

religiões, por exemplo, como a religião cristã-eva- gólica se misturou às religiões nativas", explica. O filme terá alunos da FAV e outras pessoas como atores. As gravações começaram no último dia 18 de novembro e o filme será lançado em uma galeria na Alemanha em 2013.

Em paralelo, Romeo Gon-

gora desenvolve um *workshop* de performance com alunos da FAV. O laboratório de performance tem como objeto de estudo o sincretismo religioso na América Latina. O *workshop* é uma proposta interdisciplinar de apontar não apenas para uma reflexão teórica, mas também para uma exploração do trabalho do corpo com técnicas teatrais e performáticas. Foram convidados a diretora do Museu Antropológico da UFG, Nei Clara de Lima, e o diretor do Centro Cultural da UFG, Carlos Sena Passos, para ministrarem palestras aos participantes sobre o tema do atelier. O resultado deste trabalho artístico será exposto no Museu de Arte de Goiânia (MAG) no dia 12 de dezembro.

I Seminário Internacional marca comemorações na Faculdade de Letras

O Núcleo de Estudos Canadenses e a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) abriram, no dia 2 de outubro, o I Seminário Internacional de Estudos Interculturais. O seminário recebeu apoio do governo canadense e faz parte das comemorações dos 40 anos do programa de pós-graduação em Letras e Linguística e dos 50 anos da Faculdade de Letras.

A conferência de abertura contou com a presença da professora Ryuko Kubota, do *Department of Language and Education* da *University of British Columbia*, em Vancouver, Canadá. A professora apresentou as pesquisas realizadas em viagem ao Japão no ano de 2007. No trabalho intitulado "Cruzando fronteiras da competência comunicativa nas sociedades multilíngues por meio da educação linguística", Kubota analisou os conceitos de que a língua inglesa é internacional e que é importante para o avanço profissional, concluindo que as pessoas que vão trabalhar em fábricas em outro país provavelmente vão se comunicar utilizando o idioma do país onde estão.



Carlos Situated



COMUNIDADE PERGUNTA

Yuri Torquato
- Aluno do curso pré-vestibular Comunidade Faz Arte



Como funciona o Sistema de Reserva de Vagas?

Sandramara Matias Chaves, pró-reitora de Graduação da UFG

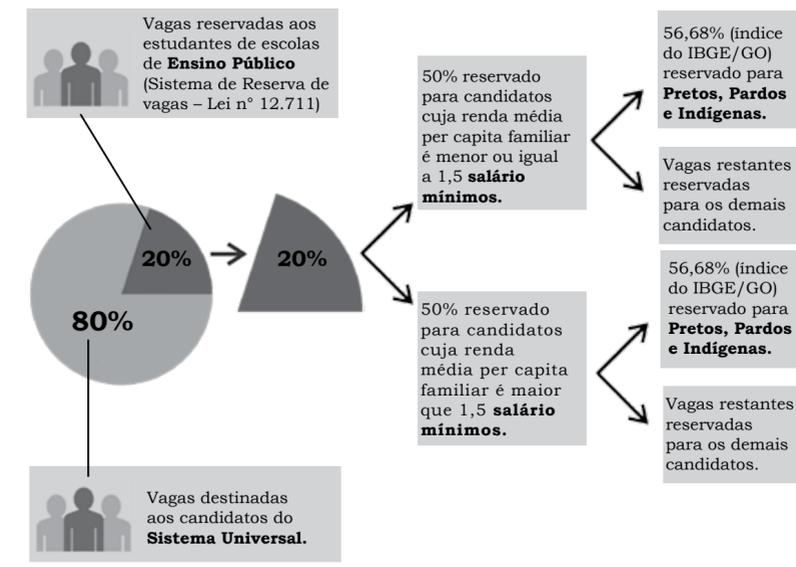


Conforme a Lei nº 12.711/2012, o sistema garante a reserva de vagas pe-

los seguintes critérios: para alunos pretos, pardos e indígenas, para alunos de baixa renda e para alunos de escolas públicas

Assim, 50% das vagas são destinadas a alunos de escola pública com renda *per capita* inferior ou igual a 1,5 salário-mínimo. Desse 50%, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 56,68% são reservados a alunos pretos, pardos ou indígenas, e o restante das vagas aos demais candidatos de escola pública.

Os outros 50% das vagas são destinadas a alunos de escola pública com renda *per capita* superior a 1,5 salário-mínimo. Da mesma forma, 56,68% dessas vagas são destinadas a pretos, pardos ou indígenas, e o restante das vagas aos demais candidatos de escola pública. (Veja o gráfico abaixo)





Dança Brasileira Contemporânea

Uma linguagem cuja motivação é a cultura popular

Patrícia da Veiga

“Cortei o dedo/ Quando você se foi/ E ainda não sarou/ Só quando você voltar meu amor/ Ai eu paro de sangrar”. Versos do canção popular acompanham os movimentos do intérprete Sacha Witkowski, bailarino e estudante do curso de licenciatura em Dança da UFG, enquanto é projetada a imagem de uma gota de sangue percorrendo a parte inferior de uma perna feminina. Vestido com longa saia branca e peça íntima cor da pele, peito nu e pés no chão, o bailarino, em suas expressões, evoca força e sensibilidade, alívio e dor.

Em cena, Sacha retorce a borda da saia que está presa em seu corpo, estica esse pedaço de pano no chão, segura uma de suas pontas e puxa, bruscamente, como se estivesse cortando um cordão umbilical. A mesma borda de saia, na sequência, é dobrada e embalada, como um bebê. Antes, porém, serviu como cobertura para uma armação circular que

envolve o bailarino, como uma placenta. Nessa relação com os objetos, o intérprete constrói uma narrativa e, como uma personagem inserida na própria história, parece não ter gênero e papel social definidos: é mulher, homem, um feto, moça, mãe.

As minúcias de uma linguagem que mescla dança, performance e recursos audiovisuais dão forma ao espetáculo Rubro, apresentado no Centro Cultural UFG no mês de setembro deste ano. Assim anuncia sua sinopse: “O sangue, às vezes, não cabe na gente de tanto que esquenta. Ai transborda. (...) O sangue também se esvai, anunciando a morte na hemorragia que colore a dor: RUBRO! Alimentando o ciclo da vida e os deuses do Orum”. No espetáculo, o ciclo menstrual é metáfora para a vida. E para falar da existência humana, com suas rupturas e continuidades, Rubro se vale da mitologia dos orixás e do universo feminino.

Contemplado pelo Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2011, Rubro é resultado de um primeiro trabalho do curso de licenciatura em Dança, envolvendo professores e

estudantes. O espetáculo é, também, a última produção/criação do Coletivo 22, um núcleo de dança formado há 11 anos na cidade de Campinas (SP) e que, desde 2010, está estabelecido em Goiânia, na Faculdade de Educação Física (FEF), em parceria com o programa de extensão Corpopular – Interseções culturais e com o Laboratório de História e Artes do Corpo – (ve)Lhaco.

Já em Através, outro espetáculo assinado pelo Coletivo 22, o cenário é composto por latarias, bancos de madeira e panos rendados. Esses objetos mudam de lugar e de função, conforme as pessoas seguem utilizando-os. Há sete intérpretes dispostos em “territórios” aparentemente distintos, divididos pela própria plateia. De um lado estão a tradição dos migrantes, as religiões de matriz africana, a dança e o canto seculares. De outro, há o caos e o cosmopolitismo da cidade, os passos apressados, o mundo do trabalho e o conflito entre as pessoas. Durante pouco mais de uma hora, Fabio Farias, Flavia Futata, Ively Viccari, Jordana Dolores, Luiz Ramos, Vivian Maria e Wellington Campos passam por travessias materiais e simbólicas que transformam fragmentos dessas duas partes em um todo híbrido.

Através fala de confrontos e conciliações no plano da cultura, do mito e da religiosidade. Por isso, faz trocadilhos gestuais

com a palavra atravessar: pés que cortam um emaranhado de latas, corpos que passam uns sobre os outros, sons que penetram a alma, movimentos que incorporam.

Contemplado pela edição 2008 do prêmio Klauss Vianna e em 2012 pelo edital de circulação Procultura, o espetáculo é o resultado de uma investigação sobre a capoeira e o samba de umbigada na cidade de São Paulo. As indagações e conclusões dessa pesquisa, que notaram a presença intensa e contrastante da cultura popular de matriz africana na megalópole, geraram tanto o processo de criação de Através como a tese de doutoramento de Renata Lima, uma das fundadoras do Coletivo 22 e atualmente professora da UFG.

Tanto Rubro como Através revelam um dos objetivos do Coletivo 22, que é estabelecer no fazer artístico um diálogo entre a cultura popular e a dança contemporânea. Mais do que isso, conforme define a professora, ambos carregam em seu processo criativo a Dança Brasileira Contemporânea. Corresponde a esse termo uma linguagem híbrida, “um vínculo entre tradição e contemporaneidade, considerando, neste contexto, a contemporaneidade como

o encontro de diversas formas de pensar e fazer dança, teatro e performance na atualidade”, escreve Renata Lima no artigo Que dança é essa?, publicado na página do Coletivo 22 (www.coletivo22.com.br).

A dança contemporânea permite que o movimento seja construído de observações e experimentos. Isso faz com que seus intérpretes-criadores ultrapassem a noção de coreografia e sintam-se livres para trabalhar técnica, forma e poética. No caso do Coletivo 22, a inspiração está nas próprias experiências corporais, seja pelo contato com a dança afro, com a capoeira, com o balé ou com as próprias histórias de vida. “Todos os integrantes do núcleo têm de alguma maneira essa referência da cultura popular construída em seus corpos. O que buscamos foi extrair a forma e criar artisticamente”, explicou Renata Lima por ocasião da apresentação dos espetáculos. Rubro e Através fizeram parte da Mostra do Núcleo de Dança Coletivo 22, realizada no Centro Cultural UFG entre os dias 18 e 21 de setembro. Em quatro dias de apresentação, os espetáculos foram vistos por uma média de 240 pessoas.

